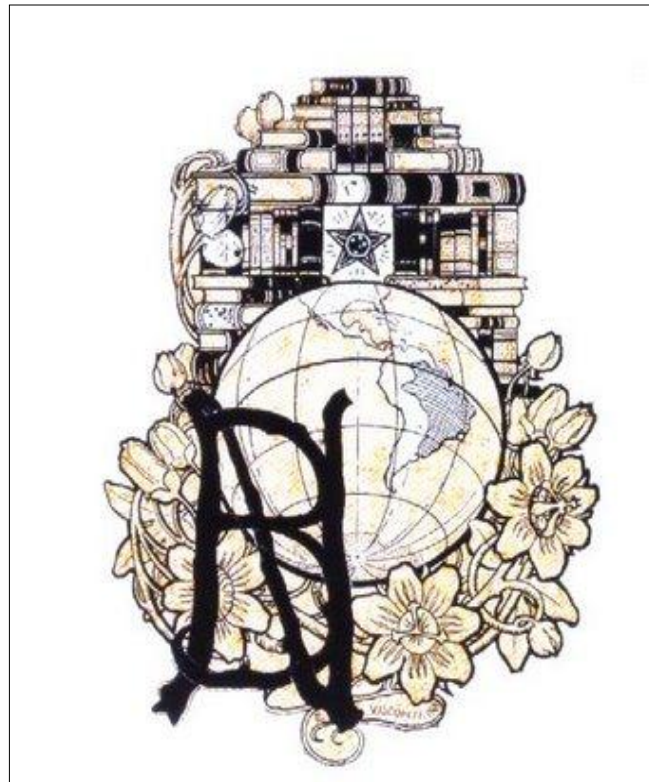


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2014

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Fabiano Cataldo de Azevedo

Uma festa luso-brasileira: a participação da Biblioteca Nacional nas comemorações do Tricentenário de Camões em 1880.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	4
1	O PROJETO DE PESQUISA	5
1.2	Justificativa e objetivos	7
1.3	Fundamentos Teóricos-metodológicos	9
1.4	Plano de Trabalho	14
2	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO	15
2.1	As fontes	16
2.1.1	<i>Divisão de Obras Raras</i>	16
2.1.2	<i>Divisão de Manuscritos</i>	24
2.1.3	<i>Divisão de Periódicos</i>	26
2.1.4	<i>Divisão de Música</i>	27
3	CONSIDERAÇÕES GERAIS	28
4	REFERÊNCIAS	30
5	ARTIGO	33

RESUMO

Em 1880 o Gabinete Português de Leitura organizou a comemoração do Tricentenário da Morte de Luís de Camões. No âmbito das intenções políticas e identitárias dessa celebração, houve a participação institucional da então *Bibliotheca Imperial e Pública da Corte*, hoje Biblioteca Nacional. A pesquisa tem como objetivo mapear e analisar a participação desta instituição nas comemorações e em seus desdobramentos. Para tanto, torna-se imperioso compreender uma possível relação institucional entre ambas as instituições que reputavam como importantes espaços de circulação de ideias e sociabilidade entre intelectuais. Qual a relação e/ou intenção e/ou inserção da BN nesses festejos? Na aproximação dessas duas instituições havia apenas intenções culturais e/ou identitárias e políticas? Essas são uma das tramas que pretende-se deslindar com o projeto de pesquisa que está a ser postulado.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; Século XIX; Biblioteca Nacional; Gabinete Português de Leitura; Tricentenário da Morte de Luís de Camões; Francisco Ramos Paz.

INTRODUÇÃO

Em conformidade com o Contrato de Concessão de Bolsa de Pesquisa do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) firmada em 26 de setembro de 2014, o presente relatório visa dar conta do período de 12 meses do projeto de pesquisa “Uma festa luso-brasileira: a participação da Biblioteca Nacional nas comemorações do Tricentenário de Camões em 1880”.

O projeto esteve em desenvolvimento de setembro de 2014 a setembro de 2015. Nesse ínterim atividades concernentes ao cronograma foram desenvolvidas a fim de levar a consecução da pesquisa realizada exclusivamente no acervo da FBN. Foram consultados sobretudo as divisões de acervos especiais, como Obras Raras, Manuscritos e Iconografia. No entanto, a Divisão de Periódicos também foi fundamental uma vez que é depositária do conjunto de microfimes de periódicos raros.

Um relatório final de projeto de pesquisa é um documento, e como tal, a fim de manter o registro, esse terá as seguintes partes: inicialmente traremos de volta o projeto de pesquisa e o plano de atividades que fora apresentado com intuito de facilitar a leitura e a análise dos resultados; a seguir atendendo a cláusula 2.4 do contrato apresentaremos uma descrição do conteúdo e um artigo.

1 O PROJETO DE PESQUISA

Esta semana não teve história própria: foi consagrada ao ocio e ao descanso, e pouco que viveu, viveu-o da vida festiva da outra, como verdadeira parasita que foi. Cada um achou-se cansado de tanta festa, e guardou o seu entusiasmo e a sua casaca, para ficar em casa a remoer o centenario de Camões, a estirar-se, lendo os supplementos commemorativos das folhas diarias, bocejando e finalmente domindo.

Assim noticiava a *Revista Illustrada* de junho de 1880. Apesar do estilo hiperbólico, não estava exagerando, pois de fato as comemorações do Terceiro Centenário da Morte de Luís da Camões foi um evento que mobilizou várias camadas da sociedade carioca e cujos ecos chegaram a Portugal na primeira quinzena daquele ano.

O presente projeto – segundo que submetemos a este programa¹ – nasceu a partir de inquietações oriundas de mais de oito anos pesquisa sobre a história do Real Gabinete Português de Leitura². Todavia, mas especificamente como fruto de uma faceta abordada na dissertação de mestrado *A memória discursiva e as estratégias em torno da identidade luso-brasileira nos discursos do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: 1837-1888*³ defendida em 2012 no Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Nela podemos constatar a participação a Biblioteca Nacional (BN) e de alguns de seus membros em processos decisórios do evento.

¹Em 2011, fui contemplado com a bolsa PNAP para graduados com o projeto “Biblioteca Pública da Bahia: a Biblioteca Fénix dos Trópicos, 1811-1818”. Como poderá ser apreciado no meu Lattes em anexo, como resultados foram publicados três artigos (*Revista Perspectiva Ciência da Informação*, *Revista Livro*, *Revista Circumscribere* e apresentar o tema em três eventos acadêmicos, dois como trabalhos submetidos (Seminário Brasileiro de História da Ciência; Seminário da *Society for the History of Authorship, Reading and Publishing*) e como convidado (A biblioteca pública no século XXI: lugar social, atuação política e estratégias de mobilização cultural) – o que certamente é um reflexo da qualidade de pesquisa que foi desenvolvida.

²Daqui em diante usarei apenas Gabinete Português de Leitura em respeito ao recorte cronológico do projeto. Foi por um decreto de 12 de setembro de 1906 que o rei dom Carlos I concedeu o título de “Real” à instituição (TABORDA, 1937; TAVARES, 1977). Por coerência ao período delimitado para a pesquisa utilizaremos apenas Gabinete Português de Leitura (GPL). Nos últimos anos venho publicando e apresentando comunicações sobre esta instituição aqui e em Portugal, destaco, sobretudo, os dois últimos trabalhos publicados, um na *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias* (<http://cultura.revues.org/77>) e o outro na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Cabe lembrar ainda que no próximo dia 21 de maio, a convite do Instituto, proferirei uma exposição sobre o tema do Tricentenário de Camões. Tema que também que transversal em conferência feita em fevereiro deste ano na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

³Como orientadora contei com a Profa. Dra. Carmen Irene Correia de Oliveira e na banca avaliadora as Professoras Doutoras Evelyn Goyannes Dill Orrico (UNIRIO) e Tânia Maria Tavares Bessone (UERJ). Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/dissertacoes-teses.php>.

Ao longo da elaboração da dissertação e posteriormente pesquisando para uma conferência que foi realizada em Lisboa no início deste ano, localizamos algumas fontes que aguçaram ainda mais nosso interesse para perquirir uma história pouco trabalhada pelos colegas até hoje. Parece-nos que essas fontes sinalizam para confirmar uma possível historiografia sobre a relação entre esses dois importantes espaços de sociabilidade da corte imperial do Rio de Janeiro naquele final do século XIX. Essas fontes direcionam para três perfis: documentação produzida pela própria BN; impressos produzidos para efeméride que cujos exemplares encontram-se dispersos ou desaparecidos (por outras instituições), mas constam no acervo na BN; fontes depositadas no acervo a partir de doações de indivíduos como pertenceram a comunidade portuguesa ligada ao GPL.

Como foi apurado na dissertação, esse evento capitaneado pelo GPL gerou polêmica porque alguns portugueses julgavam que uma festa que celebrasse Camões não deveria ser luso-brasileira, mas apenas portuguesa⁴. Todavia, naquele momento, conforme, demonstramos em outras pesquisas⁵, havia uma intenção forte no GPL de se configurar como uma instituição de caráter identitária lusobrasileira. A pergunta que passamos a nos fazer é se naquele momento na BN também havia essa questão, tento em vista o passado dela e o fato de passar a se consolidar organicamente como biblioteca apenas a partir do início do século XX com Ramiz Galvão.

Sem dúvidas que a relação social e política entre o Gabinete Português de Leitura (GPL) e a Biblioteca Nacional (BN) ainda estão por ser estudadas a miúdo. No entanto, nosso foco será identificar fontes que mostrem a participação e o

⁴Como um dos vários exemplos, pode-se citar: “Se o Camões do centenário a festejar é o poeta imortal dos Lusíadas; se o Gabinete Portuguez de Leitura é ainda instituição puramente portugueza; se na directoria dessa instituição não há já quem possa ser orador da festa que vai celebrar-se [...]: venda-se esse palheiro e mande-o acudir as misérias da pátria, para que essa inutilidade sirva assim de algum proveito, e não posso mais o mundo dizer que os 100,000 portuguezes existentes na provincia do Rio de Janeiro, estirados como os guardas no santo sepulchro, a ressonar estupidamente ao lado sua preciosa acordão ao toque festival de uma alvorada gloriosa na desprezível condição de precisarem pedir emprestado a outra confraria quem saiba ministrar-lhes a communhão nacional no jubiléu patriótico da sua irmandade!” JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, 11 mar. 1880, p. 2. Este manifesto acha-se também no livro de Macedo (op. cit.). Contudo, não confiando estritamente nessa fonte conferimos na Divisão de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional.

⁵AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. O acervo bibliográfico do Gabinete Português de Leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações. *Convergência Lusíada*, v. 25, p. 1-24, 2011. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=131>

envolvimento da BN nessa festa que causou profundo estranhamento no meio de alguns portugueses que viviam aqui e, sobretudo no Continente.

Pelo que já foi exposto até aqui, fica evidente e premente a necessidade de consulta direta ao acervo da Biblioteca Nacional, sobretudo nas Divisões de Manuscritos, Obras Raras, Iconografia, Obras Gerais e Música. Há muitas notícias sobre o evento de 1880 nos periódicos, todavia, a Hemeroteca Digital suprirá essa necessidade, porém cremos que eventualmente um ou outro suplemento ou número deverá ser consultado no original.

A partir de consultas prévias e conversas com as chefes dos setores a cerca da natureza de algumas coleções, das Divisões citadas, cremos que em Manuscritos e Obras Raras haverá maior quantidade de fontes que irão nos ajudar a compreender essa fase da historiografia das duas bibliotecas mais importantes do Império.

1.2 Justificativa e objetivos

A presente pesquisa primeiramente se **justifica** pelo ineditismo da abordagem e pela necessidade de conhecer mais detalhes da relação entre bibliotecas do Gabinete Português de Leitura e da então, *Bibliotheca Imperial e Pública da Corte*⁶, duas instituições de grande importância para os intelectuais na então corte do Rio de Janeiro.

Na segunda metade do século XIX, elas eram dois espaços de relevante sociabilidade, como já apontaram Tania Bessone⁷ e Nelson Schapochink⁸. Sem dúvida alguma, faziam parte de um circuito de conhecimento e de circulação de impressos. Todavia, com base nas pesquisas que temos feito, seria possível considerar que o GPL como espaço de disputa de poder e distinção social assumia mais destaque que a BN naquele momento.

⁶ “[...] em setembro de 1822, a Biblioteca [Real] passou a ser denominada *Imperial e Pública da Corte* [...]”. PINHEIRO, Ana Virgínia. Da Real Biblioteca à Biblioteca Nacional. In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 244.

⁷BESSONE, Tania. *Palácio dos Destinos Cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999,

⁸SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Havia uma troca de correspondências e impressões entre os presidentes dessas instituições que se tornaram mais intensas a partir de 1880. No momento no qual vários setores importantes da colónia portuguesa eram contrários a forma que o GPL engendraria a comemoração, cremos que o apoio e a participação da BN nesses eventos poderiam ser observados como uma posição política delimitada na necessidade de identificar uma luso-brasileira, e não apenas lusófona como queriam alguns aqui e em Portugal.

Desde os anos de 1930 a Biblioteca Nacional guarda a valiosa biblioteca de Francisco Ramos Paz⁹. Além de sócio do GPL foi um dos mais ativos responsáveis pela organização das comemorações de 1880. Pela documentação que compulsamos por cinco anos nos arquivos no GPL, notamos algumas lacunas sobre o evento. Assim, a pesquisa que se pretende realizar **justifica-se** também pela possibilidade de reunir virtualmente esse conjunto e por fim compreender melhor a história social do evento.

Por fim, a pesquisa ainda se **justifica** pela possibilidade de produzirmos um guia de fontes sobre as quais outros investigadores poderão se debruçar e analisar outros aspectos desse tema.

Partindo dessas considerações chegamos aos objetivos para esse projeto. Deste modo, propõem-se como **objetivo geral** dessa pesquisa mapear a participação da Biblioteca Nacional nas comemorações de Tricentenário da Morte de Luís de Camões e em seus desdobramentos.

Pretendem-se como **objetivos específicos**:

- **Identificar e cotejar** a documentação impressa e manuscrita referente a relação entre o Gabinete Português de Leitura e a Biblioteca Nacional;
- **Localizar e analisar** documentação produzida pela BN ou recebida referente as comemorações de 1880;
- **Analisar** outras coleções dentro do acervo da BN que tenham relação com o GPL e/ou com o tema, como a coleção Francisco Ramos Paz e

⁹ Sobre Ramos Paz, recomendo o capítulo “Francisco Ramos Paz: um bibliófilo”. In: BESSONE, op.cit., p. 141-204.

- **Estabelecer** uma cartografia e historiografia do evento a partir do acervo da BN.

1.3 Fundamentos Teóricos-metodológicos

O dia 10 de junho de 1880 ficará inscripto nos fastos do Gabinete Portuguez de Leitura como uma data que elle pode lembrar com o mais legitimo orgulho de ter cumprido uma grande missão. [...] a todos nós, brasileiros e portuguezes, testemunhas do zelo infatigável, da dedicação inexcedível e da iniciativa esclarecida com que a directoria planisou e levou a effeito, no meio do applauso geral e com o concurso de toda a população, a apotheose do cantor dos Lusiadas, é que cabe fazer justiça aos sacrificios e prolongados trabalhos que essa glorificação custou a alguns homens de rija vontade, ardentemente compenetrados da responsabilidade que haviam tomado aos hombros. Esta justiça, porém está feita. Por consenso unanime a directoria do Gabinete Portuguez de Leitura tornou-se benemerita da gratidão publica; ella ligou immorredouramente o seu nome a um acontecimento litterario de eminentíssimo vulto.¹⁰

No já citado *Palácio de Destinos Cruzados*, a professora e historiadora Tânia Bessone trabalha com uma proposopografia de intelectuais cariocas no período de 1870 a 1920. Na tessitura dessa abordagem, a pesquisadora apresenta os principais espaços de circulação social desse grupo naquele momento. Além das livrarias, aparecem as bibliotecas, e dentre elas o GPL e a BN. Ela própria sinaliza para uma relação entre as duas intuições.

O também professor e historiador Nelson Schapochnik trouxe grande contribuição na sua tese *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*¹¹, onde estabelece conexões entre os catálogos e leitores do período, incluindo nossos dois objetos de interesse.

As pesquisas que temos feito no acervo do GPL, sobretudo nas chamadas *Actas de Diretoria*¹² é possível notar que, sobretudo a partir dos anos de 1870 essas instituições começam uma espécie de relação interstitucional, que certamente atingira um momento fulcral com a entrada de Ramiz Galvão para o quadro de sócios e diretores. Essa relação também pode ser observada com participação da

¹⁰ JORNAL DO COMMERCIO, n. 132, 13 maio 1881, grifo nosso.

¹¹ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. 1999. 270f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

¹² Atualmente disponíveis *on line* no site www.realgabinete.com.br. De 2006 a 2008 realiazei a indexação desses documentos com o recorte cronológico de 1837 a 1937.

BN integrando o circuito das comemorações do Tricentenário de Camões com uma exposição e catálogo.

Será esse o caminho que pretendemos seguir metodologicamente na construção da pesquisa. Ou seja, identificar o início da atividade interdisciplinar entre essas instituições, seus atores e as intenções até culminar no importante apoio e participação nas festas de junho de 1880. Essa identificação será no próprio acervo da BN, pois já temos todo o mapeamento do que concerne ao acervo do GPL.

O Tricentenário da Morte de Luís de Camões foi de grande importante para a afirmação identitária do GPL. Ao se apropriar dela o grupo que formava o GPL parece ter deslocado a representação portuguesa para a instituição. De acordo com o que se encontra nas atas após a inauguração do prédio em 1887, em 28 de maio de 1890, a diretoria incorporou à data de 10 de junho as comemorações oficiais do GPL e deliberou que nesse dia as portas da instituição fossem abertas ao público em geral.

Baseando-nos nas ponderações de Hobsbawm¹³ percebemos que a celebração desse centenário – como uma tradição inventada e lugar de memória – favoreceu a socialização daquele grupo de portugueses, tanto com os brasileiros quanto com os portugueses que viviam no continente.

Os preparativos da festa foram feitos com bastante cuidado pela diretoria do GPL. Na sessão de 26 de maio de 1880 deliberou-se a preparação do terreno para a cerimônia de assentamento da pedra fundamental¹⁴ – que seria feita por D. Pedro II.

No dia 10 de junho de 1880, quinta-feira, às 11h da manhã, houve a solene celebração organizada pelo GPL na área onde seria construído o prédio, na Rua Luiz de Camões¹⁵. Estavam presentes muitos ministros do Império e o próprio D. Pedro II e D. Teresa Cristina Maria.

Além desses convidados, havia moradores da região e de outras áreas da corte. Após a leitura do “Auto do assentamento da pedra fundamental do edifício para a bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro” a diretoria dirigiu ao Imperador algumas palavras.

¹³ HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

¹⁴No mesmo dia 10 de Junho, dia do Tricentenário da Morte de Luís de Camões, o Gabinete assentou a pedra fundamental para a construção do prédio que ainda hoje ocupam.

¹⁵Já estamos considerando aqui o nome dado a Rua da Lampadosa após estes festejos.

No discurso da diretoria, a história recente do GPL foi categorizada em dois ciclos, o primeiro de 1837 a 1880 e o segundo de 1880 adiante. O autor retomou a ideia de aliança do GPL com a sociedade brasileira. Essa união se faz “em meio do desenvolvimento progressivo” do Brasil, ou seja, a contribuição que a instituição pretendia dar segue um fluxo de avanços promovidos pelo próprio país. E ele destacou que a influência do GPL é modesta.

Ainda na ideia de aliança, ela é “cordial”, ou seja, fraterna, amigável. Posição importante naqueles momentos belicosos, ao menos no âmbito ideológico e cultural. Esse ponto é dos elementos que aparecem no discurso de Joaquim Nabuco, a separação foi política e não deveria ser cultural.

No primeiro ciclo houve muito trabalho, muito esforço para colaborar com o país que os abrigava. Sobre esse empenho, além de um sentimento de dever com o Brasil.

O emissor desse discurso, ao usar a frase, “dá a segurança de empenho com que procuramos remi-nos do nosso atraso, prosseguindo ininterruptamente na tarefa da nossa própria reforma” parece – dado o contexto que estamos trabalhando – referir-se muito mais aos portugueses em geral do que diretamente à instituição. Ponderamos nessa linha porque os discursos referentes ao estado do GPL são sempre muito positivos, denotando avanço e sucesso, não obstante as dificuldades, como próprio autor lembrou, “nunca totalmente interrompido”. O gabinete estava em amplo progresso.

Parece que a cerimônia do dia 10 de junho começou com atraso ou foi assaz longa, pois consta que “muitos moradores da Rua de Luiz de Camões e largo de S. Francisco de Paula tinham vistosamente adornado as ruas adjacentes ao lugar de nossa festa, onde a noite se via uma brilhante iluminação e música.”¹⁶

Graças a um programa, um documento impresso com letras douradas, consultado na Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional foi possível saber mais detalhes dos festejos. Vale dizer que é o único reminiscente que localizamos – o que aumenta nossa suspeita de poder encontrar mais fontes no acervo da BN.

¹⁶GPL. *Relatório...*, op.cit., 1881, p. 13.

De acordo com o programa, no dia, às 20h deu-se início ao “Grande Festival Litterario e Artístico”, no Imperial Theatro D. Pedro II¹⁷. A celebração foi dividida em três partes.

Primeiramente foi executado o hino brasileiro e, a seguir, Joaquim Nabuco pronunciou o discurso, após o qual houve recitações de poesias consagradas a Camões. A segunda parte teve início com o hino português, seguido da encenação da peça “Tu só, tu, puro amor...”, escrita por Machado de Assis¹⁸. Na terceira parte o maestro Arthur Napoleão regeu a orquestra que executou o “Hymno Triumphal”, de Carlos Gomes, a “Grande Marcha Eligiaca”, de Leopoldo Miguez e uma composição própria – seguindo essa sequência. Cabe dizer que todas as composições foram feitas especialmente para o evento, a pedido do GPL e cujos originais ainda não se localizaram.

A respeito dos presentes no teatro, o único a comentar foi o cronista da “Revista Ilustrada”:

Se o theatro Pedro II tivesse desabado na noite de 10 de junho, teria esmagado tudo quanto as letras, as artes, a politica... possuem actualmente em maior actividade. La estavam: a côrte, o senado, a imprensa, a camara, a magistratura... tudo emfim.¹⁹

E ao que parece, pela descrição do cronista, os convidados de áreas representativas do Rio de Janeiro atenderam ao convite do GPL. Além do governo, estavam a academia e grupos formados por brasileiros em grande número.

No bojo dessas comemorações houve uma espécie de peregrinação com um busto de Camões mandado confeccionar pela GPL, das poucas instituições que sabemos que passou a BN está entre elas.

Os periódicos mais importantes da corte imperial do Rio de Janeiro deram notícia do evento e destacaram essa união entre as duas bandeiras unidas pela língua portuguesa.

¹⁷Inaugurado no dia 20 de junho de 1871 e por despacho de 3 de setembro passou a ter esse nome. Era localizado na Rua da Guarda Velha, 10, atualmente Rua Treze de Maio. A partir de 1890 passa a se chamar *Theatro Lyrico*. Cf. GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 5. ed., rev. ampl. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

¹⁸A respeito da peça, a descrição do cronista da *Revista Ilustrada*, de junho de 1880, é bastante interessante: “[...] é um episodio da vida do poeta: Camões apaixonou-se por Catharina de Atayde, é correspondido pela filha de D. Antonio, na corte murmura-se, enreda-se, e o pai nobre obtem do rei o desterro do cantor da bella dama. Na mais simples, entretanto... Entretanto nada mais graciosamente escripto, mais primorosamente facetado. De onde o successo então?”

¹⁹REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n. 212, 19 jun. 1880, p. 3.

A citação que serve de epígrafe para essa última seção foi publicada no *Jornal do Commercio* no dia 13 de maio de 1881, ou seja, quase um ano depois do evento, o que denota seus ecos e reverberação. Ela ainda faz parte de uma trama discursiva travada nos jornais, em folhetos e livros em torno da apropriação do GPL na organização do centenário.

A participação da BN e o cotejamento do que foi produzido é de extrema importância para compreendermos um cenário discursivo e político: a tensão da necessidade de separar duas culturas e dois povos é muito presente. Contudo, disseram alguns, não obstante a separação política, a filiação histórica e cultural é inquestionável. A língua portuguesa é dentre os rastros dessa herança que hão de reforçar por um lado e questionar por outro.

A comemoração do Tricentenário de Morte de Luís de Camões quis reforçar que embora nossas culturas, naquele momento, pudessem se configurar uma colcha de retalhos, a língua portuguesa seria a linha que as deveria unir. E se Camões representava a consecução desse idioma, a festa era luso-brasileira, ou melhor, deveria ser lusófona e se estender a todos os locais onde a língua portuguesa fosse falada.

Com essa comemoração, o gabinete demonstrou que Camões “habitava em dois mundos”, como disse o escritor brasileiro Rosendo Moniz Barreto no seu poema²⁰, e que o poeta pertencia a todos que falavam a língua portuguesa.

Qual a relação e/ou intenção e/ou inserção da BN nesses festejos? Na aproximação dessas duas instituições havia apenas intenções culturais e/ou identitárias e políticas? Essas são uma das tramas que pretendemos deslindar com o projeto de pesquisa que está a ser postulado, utilizando fontes manuscritas e impressas que serão localizadas na coleção BN conforme descrito nos objetivos.

²⁰ MONIZ, Rosendo. Camões entre dous mundos. Boletim de *O Cruzeiro*. Consultei esse periódico na Fundação Biblioteca Nacional. Em razão da dificuldade que tivemos de localizá-lo, vale algumas informações: era publicado no Rio de Janeiro e o redator principal foi Henrique Correia Moreira. O nº 160 de 1880 é uma homenagem a Camões.

1. 4. Plano de Trabalho

<u>ATIVIDADES PROGRAMADAS</u>	
Atividade	Mês de Realização
Levantamento de fontes da Divisão de Obras Gerais	Outubro
Levantamento de fontes da Divisão de Obras Raras	Novembro e Dezembro
Levantamento de fontes da Divisão de Manuscritos	Janeiro e Fevereiro
Pesquisa em Periódicos e entrega do primeiro relatório	Março e Abril
Análise dos dados compulsados e consolidação dos dados	Mai e Junho
Redação do trabalho final	Julho e Agosto
Entrega do relatório final	Setembro

<u>OUTRAS ATIVIDADES</u>	
Atividade	Mês de Realização
Submissão de trabalho para o XXVIII Simpósio Nacional de História.	Março
Participação no XXVIII Simpósio Nacional de História (se o trabalho for aceito).	Julho

2 DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO

Essa atividade foi desenvolvida no âmbito das divisões de Manuscritos, Obras Raras, Iconografia e Periódicos. Damos prioridade a consulta nos catálogos internos. A leitura dos documentos priorizou microfimes e só em casos específicos recorremos ao original.

Todo esse processo, apesar de suas dificuldades inerentes ao trato com fonte primária, foi extramente fluido em razão da colaboração e atenção de todos os servidores, tercerizados e estagiários das divisões citadas.

Este projeto tinha a expectativa de localizar informações mais concretas sobre a relação da Biblioteca Nacional com o Real Gabinete Português de Leitura na comemoração Camoneana de 1880. Tínhamos uma ideia que na Divisão de Manuscritos haveria fontes que poderiam subsidiar a proposta.

No entanto, todo pesquisador saber que ao levantar a âncora e içar as velas da investigação os ventos podem soprar para outra direção fazendo-nos encontrar outras paragens. Foi justamente isso que ocorreu.

Os dados que levantamos apontaram para uma contribuição para FBN além do que estimava quando projeto foi apresentado, visto que a pesquisa localizou dados que comprovam que a “Exposição Camoeana” foi a primeira realizada na instituição. Além disto, para a História da Biblioteconomia a maneira como a exposição foi montada, e, sobretudo como houve a classificação dos temas, contribuem ainda sobremaneira para destacar como esta Instituição foi pioneira em mais uma atividade.

Apesar da “Exposição de História do Brasil” de 1881 ser a mais afamada na história da Biblioteca Nacional, a “Exposição Camoneana” tem importância por ter sido a primeira e por ter aberto precedentes para a segunda. É interessante notar que poucos historiadores e até mesmo funcionários da BN conhecem essa homenagem a Camões, que começa antes de 1880, mas em 1877 quando João de Saldanha da Gama publica nos Anais da BN um catálogo com estudo crítico das obras de Camões na BN.

2.1 As fontes

2.1.1 Divisão de Obras Raras

Neste acervo estão as mais importantes fontes para esse projeto. Além de uma quantidade considerável de fontes que poderiam por si contar a história da comemoração no Brasil e em Portugal. E vale aqui um parêntese. Essa pesquisa precisa ser feita, pois as fontes sinalizam para uma mobilização, no caso de nosso país, em torno de um tema, que poucas vezes se viu. Uma pista para essa historiografia seria uma análise em todos os volumes da sequência 17A. Além dos itens: 016.004.004; 017.004.012; 16.4.23; 16.4.11.n.1; 17.5.2; 101.4.68; 101.4.135; 16.1.5-6; 017B.005.028; 057J.004.028; 17.3.11.n.6; 16.3.14.n.4; 16.3.17; 103.1.7. Não vem ao caso, descrevê-los aqui, pois fogem a direção desta pesquisa. Todavia, todos são concernentes ao evento e seus reflexos.

Dentre os documentos que circundam o tema e ajudaram a construir o cenário daqueles dias estão (indico apenas um dos exemplares):

A) Pasta contendo os seguintes documentos relativos ao 3º Centenário de Camões (101.4.135)

Documentos - Convites.

1- Convite ao sr. Emilio Biel para examinar à Edição Ilustrada dos Lusíadas, junto o recibo da compra da obra pelo sr. F.R. Paz.

2- Prospecto da Grande Edição manuscrita dos Lusíadas, acompanhada de uma carta mss. de Jayme Victor.

3 - Panorama do Festival do 1º aniversario da Sociedade Socorros mutuos Luiz de Camões.

4 - 3 envelopes vazios com carimbo do Gab. Portugues de Leitura do Riode Janeiro.

5 - Envelope com carimbo do Gab. Portugues de Leitura contendo 7 entradas para o grande Festival comemorativo do 3º centenario de Camões no Imperial Theatro D.Pedro II e 3 cartões de propaganda.

6 - Envelope com carimbo do Gab. Port. de Leitura contendo 9 convites para o Grande Festival Marítimo e 3 convites para a regata, relativos ao 3º centenario de Camões.

7 - Convite do quinquagésimo aniversário do Gab. Port. de Leitura por F. R. Paz.

8 - 2 convites para a comemoração do 3º centenário de Camões pelo Gab. Port. de Leitura.

9 - Anuncio da comemoração do 3º centenario de Camões pelo Gab. Port. de Leitura.

10 - Propaganda da Ed. Comemorativa do 3º centenario de Camões pelo Gab. Port. de Leitura²¹.

Por si, esse conjunto documental configuraria um projeto de pesquisa visto que é um importante lugar de memória dos eventos de junho de 1880. Apesar de não conter informações a respeito, inferimos que esse e alguns outros documentos pertençam à Coleção Francisco Ramos Paz uma vez que esse era sócio do Gabinete Português de Leitura e colaborou assiduamente com o evento. Destacamos a relevância dessa pasta, pois nem mesmo o Gabinete possui um volume tão expressivo de tais itens.

Os itens representam um cenário das associações e particulares envolvidos no evento e indica que de fato uma parcela muito representativa da sociedade carioca, tanto brasileiros quanto portugueses se envolveram. Pouc

B) Camões e os portugueses no Brazil. Reparos Criticos pelo Dr. Figueiredo Magalhães. Primeira Parte. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1880. 154p. (16, 4, 9; n. 4).

Esse documento, como é possível ver pela cota, encontra-se encadernado apenas com outros, ou seja, faz parte de um códice factício. Junto com ele há outras publicações referentes ao evento Camoniano.

Cabe aqui uma citação dele à guisa de exemplo do conteúdo:

Eu vou dar uns açoites no discurso official do centenário camoniano, celebrizado nesta cidade pela directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, e correr a pua o que aleivosamente se julga, diz, e escreve áquem e além mar a respeito da colônia portugueza no Brazil; mas a rir e galhofando, como quem dá pancadinhas d'amor no seu bem querido, misturando apenas alguns beliscões pelo meio da brincadeira para quebrar a monotonia das graçolas insulsas. (p. 9)

²¹ Descrição do Catálogo *on line* da FBN.

Apesar de indicar ser a primeira parte, infelizmente não localizamos no acervo da FBN, até o momento, a segunda parte.

Nas 154 páginas do impresso ataca ferozmente Nabuco, chegando a considerar que não sabia sequer falar bem o português. O livro é dividido em quatro capítulos. No primeiro, “Orientação fundamental do assumpto”, faz uma contextualização dos fatos que o levaram a escrever:

Qual é a causa, pois, que está dando tão máos efeitos, perguntareis vós? A resposta é simples e prompta: é o convite feito pelo Gabinete Portuguez de Leitura ao ilustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco, para servir de orador oficial na commemoração do Tricentenário de Camões dado no Rio de Janeiro por alguns portuguezes hospedados no Brazil. Analysando também criteriosamente a escolha do orador, vê-se que ella é peccaminosa *triplamente*: 1º porque é feita sem autoridade investida; 2º porque o ilustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco é nascido no Brazil e não em Portugal, e portanto há *incompatibilidade* manifesta; 3º porque o ilustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco é *insuficiente* para o cargo que tão bondosamente aceitou. (MACEDO, 1880, p. 47).

O livro é extremamente útil uma vez que é um contra-ponto a uma pseudo adesão de toda comunidade portuguesa a comemoração capitaneada pelo Gabinete.

Sobre esse documento foi produzido o artigo “O meu e o teu Camões: querelas na comemoração camoniana” e publicado no livro “O Real em revista: impressos luso-brasileiros oitocentistas” (2015).

C) Relatório da Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro em 1880. Edição de Doze Exemplares. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. Moreira, Maximino & Cia, 1881. 53 páginas + XX anexos + Parecer da Comissão de Exame de Contas. (16.6.2)

A edição é em grande formato. Encadernada em verde e letras douradas. É um documento memorialístico. Há uma possibilidade de ter pertencido a biblioteca pessoal de D. Pedro II.

Destaca a amplitude dos eventos ao informar que

Não será descabido mencionar aqui os lugares do Brazil onde, além do Rio de Janeiro, foi comemorado o centenário de Camões:

Nitherohy, Campos, Rezende, Barra-Mansa, Parahyba do Sul, Nova-Friburgo, Macahé, Quissamã, S. João do Príncipe, Maroim, S. Paulo, Santos, Campinas, Jundiahy, Guaratinguetá, Jacarehy, Bananal, Rio-Claro, Ouro-Preto, Campanha, Itajubá, Uberaba, Jaguary, João Gomes, Porto-Alegre, Uruguayana, Coritiba, Bahia, Pernambuco, Maranhã, Pará, Belém. (p. 35).

Foi o documento muito útil porque esboça com bastantes detalhes os eventos e como tudo foi organizado *a priori* pelo Real Gabinete. Elenca nomes importantes e a sequência dos fatos. E, sobretudo, faz menção a participação da BN nos eventos dentro de um contexto.

D) Memoria sobre o exemplar dos Lusíadas da Bibliotheca Particular de S. M. o Imperador do Brazil oferecida a Sua Magestade Imperial por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. 38p. (15.6.2).

O Catálogo interno da FBN indica que só foram impressos 100 exemplares dessa publicação.

Foi uma das contribuições da Biblioteca Nacional ao evento Camoniano. O documento foi importante posto que soma-se as atividades desenvolvidas no período.

Consta na introdução:

A grande festa do Centenario de Camões não pudéra ser indifferente a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Si inhibida por circunstancias particulares de offerer á memoria do poeta um condigno monumento bibliográfico, nem por isso, lhe era licito esquivar-se ao patriotismo e louvável impulso das gerações portuguezas e brazilense de 1880, que pagam justíssimo tributo de homenagem ao cantor de suas glorias passadas e a um dos mais insignes ingenhos poéticos de todas as edades.

E) Catálogo da exposição camoneana realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 10 de junho de 1880 por ocasião do centenario de Camões. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1880. 71p. (16.4.12.n.1).

Ao lado dos periódicos esse documento constiui a “jóia da coroa” do projeto de pesquisa. Por ele, foi possível compreender a dinâmica da Exposição. Foram descritos: 93 edições de obras de Camões, dentre essas as que mais ganharam destaque foram os três exemplares de 1572, que pertenciam ao GPL, a BN e ao Imperador D. Pedro II. Houve ainda 86 traduções dessas obras nas mais variadas línguas; 153 obras sobre Camões em diversos idiomas; 148 trabalhos artísticos alusivos ao poeta e as suas obras; 6 manuscritos.

Ramiz Galvão indicou a origem das obras emprestadas. Abaixo transgrevemos essa relação respeitando a organização do catálogo. Ao lado dos nomes estão a indicação dos números dos verbetes:

Obras do Poeta

Imperador D. Pedro II: 1.
Gabinete Português de Leitura: 2, 93.
Biblioteca Nacional: 3, 5-18, 20-90.
F. M. Cordeiro: 4, 19.
Comissão Brasileira: 91.
O item 92. Affonso Celso Junior. Camões. Edição commemorativa do terceiro centenário da morte de Camões, 10 de Junho de 1880. São Paulo, Abilio A. S. Marques, 1880, in-12, retr. Não tem indicação.

Traduções

Manuel de Mello: 101.
F. M. Cordeiro: 132
C. Garcia: 158.
Baptista Caetano d’Almeida Nogueira: 178.

Obras relativas a Camões

Condessa de Barral e de Pedra Branca: 214.
Biblioteca Fluminense: 203.
GPL: 204; 224, 231, 233, 279.
Manuel de Mello: 223; 232, 243, 248, 262, 264, 285.
J. da S. Mello Guimarães: 234, 246.
J. C. Bandeira de Mello: 277.
Da Gazeta (de notícias?): 280.
Reinaldo Carlos Montoro: 281.
Lombaerts: 282.
Revista Brasileira: 283.
[Archivo Pittoresco]; [O Universo Ilustrado], Journal des Savans.

Trabalhos d'Arte Allusivos ao Poeta e a suas obras

Manuel de Mello: 337; 341, 348, 349, 350, 390.
Angelo Agostini: 351.
Custodio Garcia: 339, 344.
Sr. Augusto: 342, 352.
M. J. Moreira: 345.
Laemmert: 386.
Miguel de Novaes: 426.
Liceo Litterario Portuguez: 427.
Antonio Alves do Valle: 428.
José Maria Medeiros: 429.
J. F. Alves Carneiro: 430.
Retiro Literario Portugues: 431.
Antonio Joaquim Alvares: 432.
Francisco Ramos Paz: 433.
Sociedade Portugueza de Beneficencia: 434.
D. Pedro II: 435; 438; 439; Camões. Pequeno busto em barro.
Memória sobre o exemplar dos Lusíadas da bibliotheca particular de S. M. o Imperador do Brazil offerecida a S. M. Imperial por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Mss. Autographo. 1848.
Manoel Antunes Brito Carneiro: 436.
Manoel José Duarte: 437.
Francisco J. Fialho: 440.
Arthur Napoleão e Leopoldo Miguez: 443.
Arthur Napoleão: 453; 454.
Leopoldo Miguez: 455.

Raphael Coelho Machado: 456.
Antonio Cardozo de Menezes: 457.
Francisco de Sá Noronha: 458 e 459.
F. M. Cordeiro: 444, 445.
João Maximiano Mafra: 446.
Antonio Pedro de Andrade: 447.
GPL: 448.
Acad. Imp. Das Bellas Artes: 441.
M. A. Guimarães & Irmão: 450.
M. A. Gonçalves Roque: 465.
Machado de Assis: “Tu só, tu puro amor”. Peça dramática, de J. M. Machado de Assis, para se-representar pela primeira vez no Festival do Centenário de Camões, no Imperial Theatro D. Pedro II, Rio de Janeiro. 10 de Junho de 1880. Mss. Authentico e assignado.
Luiz Vicente de Simoni: 468.

SUPPLEMENTO

Gabinete Português de Leitura: 470.
Anastácio Luiz do Bomsucesso: 471.
Jornal do Commercio: 472.
Le Messenger du Brésil: 473.
Carvalhaes: 474-476.
Real Associação Beneficente dos Artistas Portuguezes: 477.
Francisco José Correa Quintella: 478.
União Academica. Periodico quinzenal.... 479.
Joaquim da S. Mello Guimarães. 480.
Domingos José da Silva Cunha. 481, 482, 483.
Caixa de Socorros D. Pedro V. : 484.
Srs. Torres, Miranda & Gonçalves: 485.
Antonio José Nunes Garcia: 486.

F) Relatório da Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro em 1881. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. Moreira, Maximino & Cia, 1882. 53 páginas + XX anexos. (17A, 4, 97).

Contém mais informações sobre os desdobramentos da comemoração do Tricentenário, em especial detalhamentos das contas.

G) Juízo da Imprensa do Rio de Janeiro acerca do relatório da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, em 1880. Rio de Janeiro: Typ. e Lithographia de Moreira, Maximino & C., 1881.

Como recomonta ao referido relatório faz menção a Exposição Camoniana na Biblioteca Nacional, todavia publicação destaca mais os feitos do Real Gabinete e as tensões em torno do evento.

H) Terceiro centenário de Luiz de Camões; edição especial do Jornal do Commercio no dia 10 de junho de 1880. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1880.

Número especial do JC. No âmbito da programação dos eventos no próprio dia 10 de Junho de 1880 cita a Exposição. É uma documentação bastante preciosa porque a forma de descrição segue em detalhes, o que nos permitiu confrontar com outras fontes.

2.1.2 *Divisão de Manuscritos*

A) Carta de Ramiz Galvão agradecendo os funcionários da Bibliotheca Nacional [...]. (48, 1, 003, n. 074).

Por esse documento foi possível perceber mais detalhes da organização da Exposição, sobretudo o engajamento dos funcionários tendo em vista o curto tempo que tudo fora feito. Nota-se ainda um lamento de Ramiz Galvão acerca da situação da BN interna e externamente.

B) Carta de Tito Noronha a Benjamin Franklin Galvão [...]. (I-09.18.069).

O documento comenta brevemente recepção da edição crítica de Antônio Feliciano de Castilho feita pela BN e a repercussão da Exposição tecendo elogios a figura de Ramiz Galvão.

C) “Tu só, tu puro amor”. 49 f. Machado de Assis. (23,1,27)

Por esse e alguns outros documentos localizados na Divisão de Música, por exemplo, podemos corroborar a ideia de que o acervo da BN é o segundo depositário da memória do Tricentenário de Luís de Camões.

De acordo com uma Ata do Gabinete Português de Leitura de 14 de maio de 1881, o manuscrito que hoje consta no acervo do GPL foi entregue por Machado de Assis quase um ano depois do evento, sob insistência da presidência, pois Machado julgava que o texto estava muito rasurado. Fato narrado em carta de Machado de Assis, de 29 de abril de 1895:

Meu caro Ernesto Cybrão. – Possuía dois manuscriptos da minha peça dramatica “Tu, só tu, puro amor...”. Um, como sabe, foi para a Bibliotheca Nacional, onde se fez a exposição camoneana; o outro ficou commigo, e foi bastante V. sabel-o para desejal-o, e desejal-o

para obtel-o, pois é difícil negar-lhe nada do que intente possuir para aumentar a collecção do Gabinete Portuguez de Leitura, em boa hora confiado aos seus esclarecidos esforços. Não me atrevera a offerecer-lh'o, mas também não me atrevo a negar-lh'o. Ahi vai elle para o repositório dos documentos que o Gabinete guarda, por menos que possa lembrar o esplendor das festas que aqui se celebraram em honra do grande épico. 'Adeus. Creia sempre no velho amigo Machado de Assis.(GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. *Relatório da Directoria [...]*: 1895-1898. Rio de Janeiro: Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C., 1899. p. 17-18).

O próprio autor explica o conteúdo do texto nas primeiras páginas do manuscrito: "desfecho dos amores palacianos de Camões e de d. Catarina de Athaide é o objeto da comédia, desfecho que deu lugar á subsequente aventura de África, e mais tarde á partida para a Índia, donde o poeta devia regressar um dia com a immortalidade nas mãos. Não pretendi fazer um quadro da corte de d. João III, nem sei se o permitiam as proporções mínimas do escrito e a urgência da ocasião. Busquei, sim, haver-me de maneira que o poeta fosse contemporâneo de seus amores, não lhe dando feições épicas, e, por assim dizer, póstumas".

Em estudo publicado em 2012 constatamos que essa peça, bem como as composições de Carlos Gomes, Leopoldo Miguez e Arthur Napoleão foram importantes para demarcar um espaço da participação dos autores brasileiros e conferir ainda mais um aspecto luso-brasileiro.

2.1.3 Divisão de Periódicos

Nesta divisão propriamente nada localizei, mas pela Hemeroteca Digital. O *Jornal do Commercio*, em razão dos direitos autorais, foi necessário consultar na própria divisão.

Outros periódicos contendo notícias do evento:

- a) JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 8 de junho; 11 e 12 de junho e 13 maio 1881.
- b) BOLETIM DO CRUZEIRO, números 131 e 160 (esse em homenagem a Camões)
- c) GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 22 de maio; 10 de junho; 11 e 12 de junho, 1880,
- d) REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n. 212, 19 jun. 1880.
- e) O APOSTOLO, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1880.
- f) ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL, 1883-1884, volume XI. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1885, p. 585.

No item “c” as informações acerca da exposição correm mais detalhadas, descrevendo, inclusive, a organização de cada sala e sua decoração. É praticamente a crônica mais completa daqueles dias.

2.1.4 *Divisão de Música*

Nessa divisão foram localizados documentos que foram produzidos para o conjunto de celebrações especificamente organizada pelo GPL. Assim como a peça de Machado de Assis citada acima aqui estão composições que foram executadas na noite de 10 de junho de 1880 no *Imperial Theatro Dom Pedro II*.

O mais natural seria que essas composições fosse depositas no acervo do Gabinete. Todavia, inferimos que foram mantidas no acervo da BN após a exposição.

A) Leopoldo Miguez. Marcha elegíaca A Camões: para grande orchestra e fanfarra: redução para 2 pianos. (MS. M-VIII-12)

B) Carlos Gomes. A Camões: hymno triumphal. (MS G-I-13) (cópia. Original foi transferida para o Museu Imperial de Petrópolis).

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A respeito da temática já tecemos bastantes comentários que conduziram a conclusões no decorrer desse relatório. O que pretendemos aqui é apresentar em poucas linhas as nossas impressões do processo de investigação que realizamos ao longo de doze meses.

A possibilidade de compulsar o acervo da FBN e ainda poder realizar nossas atividades em suas divisões constitui-se algo muito além de um simples “privilégio”, pois a serendipidade é um momento único que só acomete pesquisadores que vão a campo. Encontrar algo de interesse sobre o qual não se sabia da existência enquanto se procurava algo que se conhecia.

Um projeto finalizado jamais será o mesmo que foi pensando no início integralmente. Além dos percalços naturais, há ainda as intercorrências metodológicas que surgem.

Assim, consideramos que 70 % dos objetivos propostos inicialmente foram alcançados. No entanto, acreditamos que o mais relevante da pesquisa foi de fato localizar as fontes e narrar os fatos referente a primeira exposição realizada pela Biblioteca Nacional. E ainda, colaborar para ampliar o campo de ação de Ramiz Galvão, figura já bastante estudada.

Ainda no que concerne aos objetivos propostos, pelos dados que até o momento apuramos (considerando os oito anos de pesquisa sobre GPL) acreditamos de fato não tenha havia uma franca troca de cartas entre as instituições. No GPL, por exemplo, há cartas de Ramiz Galvão, porém, posterior ao período de diretor da BN, quando ocupava o cargo de preceptor da casa imperial. Sobre a BN, constam citações em atas (como veremos no artigo a seguir), todavia, muito referentes ao período de 1880. Para além disso, nossas investigações – já tratadas em outros artigos – apontam para um cenário de construção de dois importantes espaços de sociabilidade e não só, espaços onde o homem da segunda metade do século XIX poderia ter acesso a alta cultura produzida na Europa – fiando-nos na construção da mentalidade da época. Sem dúvida, eram as duas bibliotecas mais

importantes na corte do Rio de Janeiro. Todavia, cabe uma importante ressalva, o GPL, desde seu início em 1837 buscou uma organização biblioteconômica a luz do que se praticava no velho mundo. Exemplos disso foram o rigoroso plano para formação e desenvolvendo da coleção; atenção a relação espaço físico/crescimento de acervo.

Em termos de gestão biblioteconômica, a BN demorará 59 anos, a partir da gestão de Ramiz Galvão em 1876, a iniciar esses processos de forma sistemática. Fato absolutamente compreensível se considerarmos a história conturbada dos primeiros anos da instituição.

Outro ponto de ligação entre as instituições é Francisco Ramos Paz²², pois fazia parte da diretoria do GPL e foi um dos ativos na organização dos festejos de 1880. Na sua coleção, sob guarda da Divisão de Obras Raras, há uma gama de impressos sobre Camões, como já é sabido de muitos pesquisadores camonianos. Todavia, o conjunto descrito a cima, com cartões e bilhetes dos eventos foram muito valiosos para a reconstrução da história social daquele contexto.

Ao iniciar essa pesquisa tínhamos apenas poucas pistas. O projeto e a possibilidade de desenvolvê-los permitiu nos certificar do conjunto documental que existia na Biblioteca Nacional.

Enfim, por todos os elementos já apresentados ao longo desse relatório podemos afirmar que pesquisas como essa – na medida das possibilidades – deveriam estar em desenvolvimentos por outros bibliotecários, posto que se a História das Bibliotecas no Brasil ainda é um cenário pouco nebuloso ainda mais é a prática de gestão dentro dessas instituições. Essa pesquisa não se conclui aqui, mas sim uma etapa que poderá continuar a ser desenvolvida sobre outras direções e com objetivos mais expandidos.

²² BESSONE, Tania Maria. Francisco Ramos Paz: um bibliófilo. In: _____. Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920, p. 189-232.

4 REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. *O Enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- ALMANAK administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro op. cit. , 1873, p. 447. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak/al1873/00000452.html>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- AMORA, Antônio Soares. Introdução: breve história da camonologia. In: CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. (Grandes obras da cultura universal, v. 2), p. 15-28.
- ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL, 1883-1884, volume XI. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1880, p. 79. (Acervo FBN).
- AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Contributo para traçar o perfil do público leitor do Real Gabinete Português de Leitura: 1837-1847. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*. Universidade Nova de Lisboa, v. 28, 2011. Disponível em: <http://cultura.revues.org/77>.
- AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. O acervo bibliográfico do Gabinete Português de Leitura como lugar de memória e forma reconhecível: considerações acerca dessas aproximações. *Convergência Lusíada*, v. 25, p. 1-24, 2011. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=131>
- BESSONE, Tania. *Palácio dos Destinos Cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999,
- BOTELHO, José Maria de Souza. Vida de Luis de Camões. In: CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Paris: Na Officina Typographica de Firmino Didot, MDCCCXIX, p. LXXXIX
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9.ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 118.
- CARVALHO, José Murilo de. *Teatro das sombras: a política imperial*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 2007.
- ELIAS, Norbert. Mozart. *Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *História Literária de Portugal: séculos XII-XIX*. Coimbra: Nobel, 1944, p. 154.
- GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA (GPL). *Actas da Sessão da Diretoria*. 1847-1860. 20 jun. 1860.
- GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA (GPL). *Actas da Sessão da Diretoria*, 1872.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 5. ed., rev. ampl. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GONDAR, Jô. Linguagem e construção de identidades: um debate. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social: nas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 107-115.
- GOULEMONT, Jean-Maire; WALTER, Éric. Les centenaries de Voltaire et de Rousseau. In: NORA, Pierre (Org.) *Les Lieux de mémoire*. La République. La Nation.

Paris: Gallimard, 1997, p. 351-381, v. 1, p. 380. “A comemoração dos escritores é mais do que uma forma particular de culto dos grandes homens ou de um processo de criação de uma memória nacional.” (tradução nossa).

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JORNAL do Commercio, n. 132, 13 maio 1881, grifo nosso.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

LEVI, Giovani. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 136.

NABUCO, Joaquim. Camões. *Discurso pronunciado a 10 de Junho de 1880 por parte do Gabinete Portuguez de Leitura*. Rio de Janeiro: Impresso por G. Leuzinger & Filhos, 1880.

NAMER, Gérard. *Memoire et société*. Paris: Méridien, 1987. (Collection Sociétés).

NATIONAL Library of Scotland; THE UNIVERSITY of Edinburg. *Exhibiting the written word*. Edinburg, 2011.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 197.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História, Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, p. 1-78, dez., 1993.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Da Real Biblioteca à Biblioteca Nacional. In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

POMIAN, Krzysztof. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Sistemática. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 507-516.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social: nas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 77-88.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n. 212, 19 jun. 1880, p. 3. (Acervo FBN)

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. 1997. Tese (Doutorado em História Social). - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2.ed. Rio de Janeiro: TopBooks, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. 1999. 270f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 2003. V. IX.

SILVA, Susana Serpa. *Ponta Delgada: roteiros republicanos*. Lisboa: QuidNovi, 2010.

SLEMIAN, Andréa. *A vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro, 1820-1824*. São Paulo: Hucitec, 2006.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EDUSP, 1994.

Fontes:

ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL, 1883-1884, volume XI. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1885, p. 585.

BOLETIM DO CRUZEIRO, números 131 e 160 (esse em homenagem a Camões)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 22 de maio; 10 de junho; 11 e 12 de junho, 1880,

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 8 de junho; 11 e 12 de junho e 13 maio 1881.

O APOSTOLO, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1880.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n. 212, 19 jun. 1880.

5 ARTIGO

Uma festa luso-brasileira: a participação da Biblioteca Nacional nas comemorações do Tricentenário de Camões em 1880.

1 Introdução

O dia 10 de junho de 1880 ficará inscripto nos fastos do Gabinete Portuguez de Leitura como uma data que elle pode lembrar com o mais legitimo orgulho de ter cumprido uma grande missão. [...] a todos nós, brasileiros e portuguezes, testemunhas do zelo infatigável, da dedicação inexcedível e da iniciativa esclarecida com que a directoria planisou e levou a effeito, no meio do applauso geral e com o concurso de toda a população, a apotheose do cantor dos Lusiadas, é que cabe fazer justiça aos sacrifícios e prolongados trabalhos que essa glorificação custou a alguns homens de rija vontade, ardentemente compenetrados da responsabilidade que haviam tomado aos hombros. Esta justiça, porém está feita. Por consenso unanime a directoria do Gabinete Portuguez de Leitura tornou-se benemérita da gratidão publica; ella ligou immorredouramente o seu nome a um acontecimento litterario de eminentíssimo vulto.²³

Há exatos 135 anos a cidade do Rio de Janeiro foi o epicentro de uma festa que mobilizou grande parte do território nacional e que recebeu adesão desde o Imperador Dom Pedro II até o mais simples comerciante da Rua da Quintanda. No dia 10 de Junho de 1880 o Real Gabinete Português de Leitura (RGPL)²⁴ dava início aos festejos do Tricentenário da Morte de Luís de Camões.

Evento tão marcante para Instituição que de acordo com a ata de diretoria do GPL, em 28 de maio de 1890, a diretoria incorporou à data de 10 de junho as comemorações oficiais do GPL e deliberou que nesse dia as portas da instituição fossem abertas ao público em geral. Sem dúvida, como diz a citação à cima, o GPL

²³ JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, n. 132, 13 maio 1881, grifo nosso. (Acervo FBN).

²⁴ A partir de agora Gabinete Português de Leitura (GPL). Foi por um decreto de 12 de setembro de 1906 que o rei dom Carlos I concedeu o título de “Real” à instituição (TABORDA, 1937; TAVARES, 1977). Por coerência ao período delimitado para a pesquisa utilizaremos apenas Gabinete Português de Leitura (GPL).

unira o seu nome com a efeméride que até hoje é celebrada na instituição, agora com o nome “Dia de Camões”.

Baseando-nos nas ponderações de Hobsbawm²⁵ percebemos que a celebração desse centenário – como uma tradição inventada e lugar de memória – favoreceu a socialização daquele grupo de portugueses, tanto com os brasileiros quanto com os portugueses que viviam no continente.

Aquelas foram décadas em que a própria identidade “brasileira” passaria a ser forjada, da mesma maneira que o próprio sentido de nação. Slemian afirma que “até o início da década de 1820, o pertencimento à nação portuguesa havia sido um sentimento presente nas partes do Império, cujo grau de intensidade variava de acordo com determinantes locais e históricos.”²⁶ A mesma autora propõe que se poderia discutir como os termos “brasileiros” e “portugueses” foram “forjados tendo em vista as contradições que o legado português promoveu na formação da identidade nacional brasileira, aos moldes do que foi definido pelos segundos.”²⁷ De acordo com Ribeiro, no âmbito político, houve uma discussão fortemente dicotômica sobre o que era ser “brasileiro” e o que era “ser português”.²⁸

Antônio Cândido afirma que “a fase culminante da nossa afirmação – a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo – se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses [...]”²⁹. Para Neves, era uma forma de “afirmar a autonomia linguística para conferir nacionalidade a própria literatura”³⁰ e, com isso, o país assistiu ao nascimento do Romantismo, uma fase que procurou “superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil [...]”³¹

²⁵ HOBBSAWM, op. cit.

²⁶ SLEMIAN, Andréa. *A vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro, 1820-1824*. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 166.

²⁷ SLEMIAN, op. cit. , p. 45.

²⁸ RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. 1997. Tese (Doutorado em História Social). - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997.

²⁹ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9.ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 118.

³⁰ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Humberto Fernandes. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 197.

³¹ CÂNDIDO, op. cit. 119.

Fundado em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasil (IHGB) centralizou os debates acerca de uma identidade nacional brasileira apartada da portuguesa.

Se no campo da história temos a configuração que apresentamos acima, a memória social e a linguística também percebem o mesmo cenário. Rajagopalan considera que no século XIX, momento fértil das discussões a respeito da formação identitária, surgiram noções de pátria e de língua associada à pátria³². Gondar³³ aponta que no século em questão houve certo clima geopolítico favorável à construção de algumas identidades.

Assim, tendo como base o cenário histórico que se desenrolava no império brasileiro, principalmente no que concerne à tentativa de desligamento de tudo que nos ligava a Portugal, podemos perguntar: de que maneira a comemoração do Tricentenário da Morte de Camões, organizada pelo GPL, representa um marco importante para afirmação identitária luso-brasileira no âmbito dessa instituição? E ainda, de que maneira a Biblioteca Nacional esteve envolvida e como a sua inserção colaborou para a estratégia do GPL?

A historiadora açoreana Susana Serpa Silva afirma que em Portugal as comemorações do tricentenário da morte de Camões “serviu de propaganda republicana ao permitir o contraponto face à decadente Regeneração oitocentista.”³⁴

Não pretendemos realizar a historiografia do período Imperial, mas contextualizar certos fatos e atores sociais. A fim de compreender as questões políticas e econômicas do Brasil, inerentes ao período em questão, nossa base foi José Murilo de Carvalho³⁵. Adolfo Morales de los Rios Filho³⁶ foi a direção para o cenário que se desenrolava na própria corte do Rio de Janeiro. A questão da

³² RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social: nas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 77-88.

³³ GONDAR, Jô. Linguagem e construção de identidades: um debate. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social: nas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 107-115.

³⁴ SILVA, Susana Serpa. *Ponta Delgada: roteiros republicanos*. Lisboa: QuidNovi, 2010, p. 50. Agradeço imensamente a pesquisadora Susana Serpa que fez a gentileza, após minha consulta por e-mail, de enviar este livro para mim.

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Teatro das sombras: a política imperial*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

³⁶ RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. 2.ed. Rio de Janeiro: TopBooks, 2000.

cidadania, nação e identidade, assim como as querelas para a clivagem entre “portugueses” e “brasileiros” foram estudadas a partir de Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves³⁷, que faz ótima descrição sobre a questão literária e política, no âmbito da tensão antilusitana. Na tese da historiadora Gladys Sabina Ribeiro³⁸ encontramos meios para compreender as outras facetas da relação identitária entre portugueses e brasileiros. Por fim, como uma visão panorâmica e sintética, Boris Fausto³⁹ e Andréia Slemian⁴⁰, que nos revelaram como instituições e pesquisas foram apoiadas pelo governo imperial com o objetivo de forjar uma identidade nacional.

Nossas fontes pertencem essencialmente ao Arquivo do Real Gabinete Português de Leitura e à Fundação Biblioteca Nacional, particularmente nas Divisões de Obras Raras e Periódicos. Para compreender as tessituras discursivas do século XIX foi fundamental o artigo do historiador José Murilo de Carvalho, *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*⁴¹. Como o autor salienta, nessas fontes há grande uso de linguagem simulada e alegórica, dominada com maestria pelos jornalistas da época.

Na construção do *corpora* das fontes usamos o recurso metodológico o paradigma indiciário⁴², pois detém sob seus princípios a busca do detalhe nos dados marginais, nos resíduos, nos vestígios provenientes das fontes.

Essa perspectiva se coaduna dentro da ideia da micro-análise. Para Revel ela é “uma interrogação sobre a história social e a construção de seus objetos”⁴³. Justamente no processo de construção e recolha do panorama de fontes e métodos que essa confluência interdisciplinar é fundamental, pois no âmbito o paradigma indiciário normalmente se trabalha com certo pluralismo documental. A prática interpretativa e, antes a prática de indagar as fontes, requer de certo modo um olhar plural que outros campos da História darão.

³⁷ NEVES, op. cit.

³⁸ RIBEIRO, op. cit., 1999; RIBEIRO, op. cit., 2009.

³⁹ FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2002.

⁴⁰ SLEMIAN, op. cit.

⁴¹ CARVALHO, op. cit.

⁴² GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁴³ REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15.

O rigor na análise das fontes pode ser corroborado pela própria natureza metodológica da micro-história, pois ele “prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental”⁴⁴. Para Revel⁴⁵ esse tipo de análise é revestida de uma complexidade impõem um encolhimento de observação.

Atrelado à micro-história está a forma de lidar com as fontes e a partir daí a construção do texto historiográfico. A forma que o historiador escolhe para expor fundamental no processo de comunicação com o leitor, pois “a maioria das sequencias históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes”⁴⁶. Revel lembra que “os micro-historiadores desempenham um papel central porque consideram que uma escolha narrativa decorre da experimentação histórica tanto quanto os próprios procedimentos de pesquisa”⁴⁷. Ou seja, a escolha narrativa é um procedimento metodológico. Levi⁴⁸ considera que essa comunicação não pode ser considerada simplesmente.

O presente artigo buscará apresentar os resultados obtidos pela pesquisa que realizamos no âmbito do Programa de Apoio à Pesquisa (PNPA/FBN). O texto está dividido em tres seções. Na primeira analisaremos o contexto que conduz a comemoração camoneana e a relação dos portugueses naquele momento o autor a fim de compreendermos as possíveis razões da apropriação da efeméride; o segundo a comemoração e seu contexto histórico; na terceira a participação da BN.

⁴⁴ LEVI, Giovani. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 136.

⁴⁵ REVEL, op. cit.

⁴⁶ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 102.

⁴⁷ REVEL, op. cit., 1998, p. 36.

⁴⁸ LEVI, op. cit.

2 Camões e a “Lusitânia” no século XIX

Em 1890 Portugal passou por uma grave crise política resultante de um *Ultimatum* feito pelo governo inglês, exigindo que retirassem algumas de suas possessões de África. Essa situação que se arrastava há duas décadas levou o povo a um estado de desânimo e descrença muito grande em si e na monarquia.

O século XIX começou com a humilhante invasão francesa e a transferência da corte para uma de suas colônias, havendo, nas palavras de Santos⁴⁹, praticamente uma inversão do pacto colonial. Nessa fatídica centúria, ainda viveram uma quase guerra civil com a Revolução do Porto e a perda do Brasil.⁵⁰

Notadamente influenciados pela França⁵¹, a partir de 1880, Portugal buscou nas comemorações centenárias os meios de rememorar seus grandes feitos e seus mortos⁵². No conjunto dessas celebrações houve projetos para criação de lugares de memória como publicação de livros e álbuns comemorativos; construções de monumentos, dentro das ideias de Nora⁵³. Se não havia esperança no presente e o futuro estava brumoso, foi na memória social de uma época de ouro que buscaram meios para reagir.

⁴⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

⁵⁰ “No século XIX, Portugal viveu múltiplas conjunturas de crise econômica, financeira, política e moral. Pode até dizer-se que as elites intelectuais e políticas oitocentistas foram profundamente marcadas por uma consciência de crise que se acentuou em momentos bem precisos: nas invasões francesas (1807-10) e nos anos imediatamente que lhe seguem, de perda do mercado brasileiro e de domínio britânico na metrópole; nas duas guerras civis (1832-34 e 1846-47), em que confrontaram diversas opções; nas crises financeiras de 1845, 1876 e 1890-92; nas frequentes crises políticas que a Monarquia liberal viveu, do malogro da primeira experiência liberal vintista (1823) aos efeitos do *Ultimatum* britânico de 1890, passando pelo instável reinado de D. Maria II e pelos conturbados que se seguem à Janeirinha (1868-71). A consciência do declínio e do atraso do país relativamente às nações do Noroeste europeu acentuou-se com a perda do Brasil e com a distanciação em termos de desenvolvimento econômico comparado, com outras potências, sobretudo com a França e a Inglaterra (raramente se estabeleceu comparação com a Grécia, a Suíça, a Bélgica ou a Holanda). E alimentou todo um debate acerca das condições de viabilidade de Portugal como Estado e nação multisseculares e independentes.” MATOS, Sérgio Campos. A crise do final dos oitocentos em Portugal: uma revisão. In: *CRISES em Portugal nos séculos XIX e XX: actas do Seminário organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, p. 100.

⁵¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 2003. V. IX.

⁵² ABREU, Regina. *O Enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

⁵³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História, Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, p. 1-78, dez., 1993.

Jean-Maire Goulemont e Éric Walter em “*Les centenaires de Voltaire et de Rousseau*” descrevem um panorama bastante semelhante da estruturação da comemoração, como a mobilização nacional e lançamento de assinaturas para publicações, construções de monumentos etc. Destacam que há certa retórica da comemoração que procura legitimar a construção de uma memória nacional. Para eles “la commémoration des écrivains est donc plus qu’une forme particulière du culte des grands hommes ou du processus de constitution d’une mémoire nationale.”⁵⁴

De acordo com Serrão⁵⁵, entre as décadas de 1880 e 1890 a tradição ultramarina lusitana estava sendo posta em xeque, a monarquia estava inerte a essa vocação, de modo que os republicanos tomaram para si a missão de rememorar essa tradição. Para isso, perceberam não haver melhor monumento⁵⁶ do que “Os Lusíadas”.

No âmbito das comemorações no poema épico foi rememorado o passado de Portugal. Porque nele está a memória coletiva de um período e é nesse texto que habitam os sentimentos de amor e crença na pátria e uma autoconfiança fundamental para sustentar momentos mais difíceis. O trecho abaixo é um bom exemplo disso, no qual o amor à pátria e à nação portuguesa é exortado, bem como o passado glorioso e vitorioso do país:

Luis de Camões animado pelo mais ardente amor da Patria, e cheio de entusiasmo pelo valor e Constancia com que a nação Portugueza, não obstante a pequenez dos seus princípios, tinha conquistado sobre os Mouros o seu paiz: com que havia fundado a Monarchia, e sustentado a sua independência contra o poder superior de Castella: com que depois de a haver consolidado, tinha passado á Africa para por barreiras ao poder Mauriano: com que tinha emfim atravessado novos mares, e estabelecido hum vasto Imperio no Oriente; empredeo erigir hum monumento, o qual transmittindo á posteridade tão heróicos feitos, perpetuasse a gloria do nome Portuguez, e attestasse que nação alguma a tinha adquirido igual. Elle imaginou pois hum Poema épico nacional, e quis celebrar a primeira virtude dos Portuguezes, a sua heroicidade sobre a terra e

⁵⁴ GOULEMONT, Jean-Maire; WALTER, Éric. *Les centenaires de Voltaire et de Rousseau*. In: NORA, Pierre (Org.) *Les Lieux de mémoire*. La République. La Nation. Paris: Gallimard, 1997, p. 351-381, v. 1, p. 380. “A comemoração dos escritores é mais do que uma forma particular de culto dos grandes homens ou de um processo de criação de uma memória nacional.” (tradução nossa).

⁵⁵ SERRÃO, op. cit., 2003.

⁵⁶ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

sobre o mar [...] para estes fim escolheu o facto mais memorável da Historia Portugueza como sujeito, e acção do seu Poema (o Descobrimto da India por Vasco da Gama e seus heróicos companheiros); reunio na narração como episódios adequados ao sujeito, e a esta acção, todos aquelles successos da historia de Portugal que prepararam a Nação para tão grande empreza, e para a fundação daquelle vasto Imperio, que os seus heroes deviam estabelecer no Oriente [...].⁵⁷

Decerto que habitava no texto camoniano certos vestígios de memória coletiva⁵⁸ que rememoravam o passado glorioso da nação, representado no período das grandes navegações. Botelho pondera que a obra é um monumento que ultrapassa Portugal:

Os Lusíadas são hum monumento da gloria nacional. Este Poema deve ser para nós tão precioso, como a Iliada o foi para os Gregos. Se nesta foram cantados pelo primeiro Epico os tempos heróicos da Grecia, também nos Lusíadas são celebrados e cantados os insignes feitos, as victorias, e os trabalhos dos nossos antepassados. Assim cada Portuguez participa de huma tanto maior parte de gloria nacional em proporção da pequenez da Nação, e ama tanto mais vivamente a sua pátria, e o Poeta que conservou estas illustres memórias a posteridade. [...] Os Portuguezes, como os Gregos e Romanos, tem portanto em Camões, o seu Homero, o seu Virgílio, ao qual devem a conservação e perpetuidade da sua illustre fama.⁵⁹

O lugar de fala de Botelho é a primeira década de 1800, porém, essa memória discursiva, acrescida já dos problemas relacionados à crise na monarquia, está fortemente presente em um texto – que analisaremos a seguir – assinado por Ramalho Ortigão:

Os Lusíadas são a pedra monumental sob que jaz a gloria da patria, e é nessa pedra que terão de vir afiar as suas espadas de combate todos os portuguezes que se armarem para resistir a esta invasão terrivel com que lutamos e que se chama – a decadencia. O futuro das nacionalidades não dependerá por muito tempo do jogo da guerra entre as monarchias. Os Lusíadas celebram a patria com todas as energias que a constituem, com todos os caracteristicos que a individualisam e assignalam: – as origens, a lingua, a religião, a

⁵⁷ BOTELHO, José Maria de Souza. Vida de Luis de Camões. In: CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Paris: Na Officina Typographica de Firmino Didot, MDCCCXIX, p. LXXXIX

⁵⁸ POMIAN, Krzysztof. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Sistemática. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 507-516.

⁵⁹ BOTELHO, op. cit. 1819, p. LXXXIX, grifos nossos.

poesia, a historia, a politica, a geographia, o solo, a paizagem, os temperamentos, as paixões, as tradições, os mythos e as lendas.⁶⁰

Desde finais do século XVI, a obra *Os Lusíadas* passou a ser reconhecida nos meios literários. Foi publicada em Lisboa, em 1572, pelo tipógrafo Antônio Gonçalves e a partir daí conheceu inúmeras edições⁶¹. Ao longo dos séculos, em função do seu conteúdo, foi evocado em alguns momentos de crise política, como na década de 1640, quando Portugal esforçava-se para sair da dominação espanhola.

Com *Os Lusíadas* aconteceu um fenômeno no século XIX, semelhante ao apontado por Abreu⁶², ao ponderar sobre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Segundo a autora, ao ser “transformada em monumento, símbolo nacional ou ‘lugar de memória’, uma grande obra literária extrapola as suas características iniciais, desempenhando funções sociais que ultrapassam o seu valor puramente literário.”⁶³ Ainda com paralelo no estudo da autora, houve uma sagração da obra e sua elevação ao *Panthéon* de patrimônio nacional e lugar de memória. As palavras de Ramalho Ortigão parecem indicar esse aspecto patrimonial da obra camoniana no contexto da cultura portuguesa:

Para os portugueses do século XX os Lusíadas serão mais que um symbolo ou serão a unica expressão nacional de um povo extinto para a civilisação e vivendo em torno de um livro como a raça judaica, ou serão a prophecia realizada do patriotismo camoneano. O Imperio do Occidente, fundado na confederaçao democratica dos estados peninsulares.⁶⁴

⁶⁰ ORTIGÃO, Ramalho. Luiz de Camões. In: CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. Lisboa: Na Officina de Castro Irmão, 1880, p. LXXXI.

⁶¹ Recomendamos essencialmente a tese de doutorado de Sheila Moura Hue, “Camões entre seus contemporâneos: sobre a recepção da obra camoniana no século XVI”, orientada pela Prof^a. Cleunice Berardinelli e defendida em 2002 na PUC-Rio. Assim como: HUE, Sheila Moura. Em busca do cânone perdido. Manuscritos e impressos quinhentistas: das variantes textuais e das atribuições autorais. *Revista Camoniana*, Bauru-São Paulo, v. 12, p. 171-193, 2002. HUE, Sheila Moura. Os Lusíadas comentados. Leitores e leituras em 1584, 1591 e 1613. *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. VII, p. 117-132, 2003.

⁶² ABREU, op. cit.

⁶³ Ibidem, p. 23.

⁶⁴ ORTIGÃO, op. cit., 1880, p. LXXXI.

Como pode ser observado a partir dessa citação, se em *Os Lusíadas* os portugueses buscaram a memória social das glórias para rememorarem a sua importância como nação e o seu lugar no continente, é no “patriotismo camoniano” que encontraram o modelo de português que acredita e louva o seu país, não obstante suas mazelas. O centenário é para o autor e não para a obra.

O fato de ter escrito seu poema em solo estrangeiro foi evocado nas celebrações em Portugal e muito mais aqui no Brasil, por parte do GPL, pois servia como exemplo de um luso que mesmo fora de sua pátria não deixou de amá-la e sentir-se parte dela.

A ideia de “beatificação do autor”, discutida exaustivamente por Abreu⁶⁵, é bastante pertinente para perceber o que houve com Camões no século XIX.

De acordo como Amora⁶⁶, esse movimento desencadeou-se em 1825, quando Almeida Garrett publicou o poema “Camões”⁶⁷:

[...] no sentido de se tomar consciência da significação de Camões como símbolo do espírito e da alma nacional e como eterna lição de estremecido amor da Pátria – acabou também por encontrar, na época, dominada por uma psicose sentimental, nacionalista e cívica, entusiástica ressonância. E de pronto, para escritores e artistas, Camões veio a impor-se como tema de inspiração, rico de motivos morais e estéticos. Caracterizou-se assim esta terceira época da Camonologia, um culto ao Poeta e de sua obra, principalmente de sua obra épica, que se pode, sem exagero, denominar de apaixonado.⁶⁸

Para entender um pouco mais esse processo de “beatificação”, continuamos com as considerações de Amora⁶⁹. O autor informa que articulada e difundida pelos românticos – abundantes no século XIX – a ideia de Camões como “Poeta Nacional” evoluiu e consolidou-se como “Camões Poeta da Raça”. Figueiredo vê no poeta “a alma mais poderosamente assimiladora e criadora da Renascença portuguesa, e a

⁶⁵ ABREU, op. cit.

⁶⁶ AMORA, Antônio Soares. Introdução: breve história da camonologia. In: CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. (Grandes obras da cultura universal, v. 2), p. 15-28.

⁶⁷ ALMEIDA GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de. *Camões*: poema. Paris: na Livraria Nacional e Estrangeira, 1825. Disponível em:

<http://ia700407.us.archive.org/16/items/comespoema00alme/comespoema00alme.pdf>

⁶⁸ AMORA, op. cit., 1980, p. 21.

⁶⁹ Ibidem.

mais sensível para se identificar como o carácter nacional, com as glórias e com as dores da pátria.”⁷⁰ A simbologia de Camões é tão forte que faz dele uma espécie de lugar de memória nacional, por conter em si uma “inscrição” na qual o povo português se reconhece. Pelo que percebemos, mesmo que nos séculos anteriores ao XIX tenha havido movimentações em torno da obra e do autor, foi esse o momento de transformação d’*Os Lusíadas* em “monumento nacional” e de Camões em “grande escritor nacional” – ideias tomadas de Abreu⁷¹, ao comentar *Os Sertões* e Euclides da Cunha.

Em *Mozart: sociologia de um gênio*, Elias⁷² chamou a atenção para um interesse muito grande no que tange à obra e não o autor. Com Camões não foi diferente. Porém, percebe-se que nessa “terceira época da Camonologia”, como aponta Amora⁷³, a diferença foi justamente essa, ou seja, um interesse muito grande pelo autor. Os textos praticamente são uníssonos em relacionar o homem com a sua produção.

É possível perceber uma série de pontos de convergência entre a história de Mozart, tratada por Elias⁷⁴ e a de Camões, principalmente no que concerne ao fim trágico que tiveram. Consta que o poeta português morrera numa total miséria que sequer tinha um lençol para se cobrir.

No que se refere à vida de Camões, há poucas certezas e muitas conjecturas. Todavia, no meio dessas, compilando alguns dados biográficos acerca do escritor, consta que nasceu em Lisboa e pertenceu a uma família de fidalgos, mas muito pobre. Teria frequentado a corte de D. João III, no Paço da Ribeira. Segundo duas tradições pouco documentadas, teria sido desterrado para o Ribatejo por ordem do rei, devido a uma alusão indireta na comédia “*El-Rei Seleuco*”. Outra tradição aponta para o fato de que durante o período na corte, ele teria se apaixonado por D. Catarina de Ataíde. Em 1547, Camões partiu para Ceuta como militar e, em 1555, já se achava em Goa, retornando para Lisboa só em 1567.

⁷⁰ FIGUEIREDO, Fidelino de. *História Literária de Portugal: séculos XII-XIX*. Coimbra: Nobel, 1944, p. 154.

⁷¹ ABREU, op. cit.

⁷² ELIAS, Norbert. *Mozart. Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

⁷³ AMORA, op. cit.

⁷⁴ ELIAS, op. cit.

Em relação a Mozart, Elias⁷⁵ observa que há um interesse muito expressivo em sua obra e muito pouco sobre a sua vida. Nota-se o mesmo fato em Camões, fala-se em demasia de sua obra, de seus versos e de sua contribuição para a formação da língua portuguesa.

A figura desse homem que passou pela fastigiosa experiência de viver fora da Pátria e que desapareceu esquecido pelo Estado, de certo serviu aos lusos naquele momento como um elemento de identificação. A classe letrada do país lançou mão desse fato, como um dos meios de aproximar as discussões a todas as camadas da população.

No bojo desse grande centenário, Serrão vê uma homenagem a um homem que teve um cruel destino, prestada por um país envolto numa espécie de remorso coletivo, por ter deixado na miséria o “mais ilustre dos seus filhos”⁷⁶. Para o mesmo autor “a verdade é que a efeméride acabou por se traduzir num grande preito da sensibilidade nacional, em que o calor do povo anônimo foi despertado por letrados e jornalistas, numa vibração patriótica que há muito o País não conhecia”⁷⁷.

Em Portugal, como considera Serrão, “não se põe hoje em dúvida que as manifestações levadas a cabo constituíram um importante vector de difusão do novo ideal político na consciência dos Portugueses.”⁷⁸

E nesse contexto que se insere o “Tricentenário da Morte de Luís de Camões” que no Brasil o GPL o tomou para si a atribuição de celebrar e conseguiu transformar a comemoração em uma festa luso-brasileira. Várias instituições foram mobilizadas seja por convite seja espontaneamente para colobar com os festejos. Na seção a seguir passaremos a analisar esse contexto associado ao GPL e a organização da festa.

⁷⁵ ELIAS, op. cit.

⁷⁶ SERRÃO, op. cit.

⁷⁷ Ibidem, p. 65.

⁷⁸ Ibidem, p. 63.

3 O Contexto e a festa

É no Brasil, porém, nesta vasta região que a raça portuguesa descobriu e povoou, que mais numerosas se encontram as suas fundações; poucas serão as localidades de certa importância que não contenham alguma instituição portuguesa, ou em que o seu elemento não predomine de modo considerável. Isto melhor se evidencia as povoações em que a ocupação mais seguida e preponderante é a do commercio – instrumento de progresso e civilização dos povos, vehiculo infallivel da prosperidade e da riqueza publica⁷⁹.

A citação foi escrita um ano depois dos grandes festejos do Tricentenário da Morte de Luís de Camões e publicada em um suplemento do periódico carioca *Cruzeiro* e destaca pontos importantes referentes à comemoração e a reverberação.

O contexto da festa camoniana está diretamente ligado a própria história da criação e desenvolvimento político e cultural do GPL⁸⁰. Fundado em 14 de maio de 1837 por um grupo de portugueses com o objetivo claro de ser uma biblioteca, aos poucos assume uma “forma reconhecível”⁸¹ de uma espécie de embaixada lusa no Brasil. Entre as décadas de 1840 e 1860 adquire o status de importante espaço de sociabilidade carioca⁸².

Percebe-se, no entanto, a partir da vasta produção discursiva⁸³ que até a data da comemoração o GPL figura como uma instituição portuguesa **no** Rio de Janeiro.

⁷⁹BOLETIM DO CRUZEIRO, n. 131, de 13 de maio de 1881 (Acervo FBN). Esse e as demais citações com fonte em periódicos, como a *Gazeta de Notícias*, *Revista Ilustrada* e *Jornal do Commercio* utilizadas nesse capítulo fazem parte de um conjunto de fontes que localizamos nas Divisões de Periódicos e Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional. Como é comum em muitas pesquisas, isso aconteceu na fase de conclusão desta dissertação. Optamos conscientemente em trazer para o texto final apenas trechos e jornais que poderiam contribuir para nossas premissas, há muito mais que poderá ser feito com essas fontes e será em trabalho futuro. Por hora, a fim de respeitar nosso cronograma fizemos essa escolha.

⁸⁰Ver AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Contributo para traçar o perfil do público leitor do Real Gabinete Português de Leitura: 1837-1847. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*. Universidade Nova de Lisboa, v. 28, 2011. Disponível em: <http://cultura.revues.org/77>.

⁸¹ DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 2007.

⁸² Ver FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácio de destinos cruzados: homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

⁸³AZEVEDO, op. cit., 2012.

A partir de então, observamos que a mudança para uma instituição luso-brasileira do Rio de Janeiro⁸⁴.

Desde 1837 o GPL passou por vários endereços (Tabela 1). O crescimento do acervo e conseqüentemente do público leitor/freqüentador foi colocando a instituição diante de numa necessidade de ter uma sede própria e não mais precisar mudar de um lugar para outro.

Tabela 1: endereços do GPL

Período	Endereço
1837-1842	Rua Direita (atual Primeiro de Março)
1842-1850	Rua Quitanda, n. 55
1850-1887	Rua dos Beneditinos, n. 12
1887	Rua Luís de Camões, 50

Fonte: o autor.

Pelo fato de gozarem de boa estabilidade, no decênio de 1860, passaram a manifestar cada vez mais o desejo da construção de um prédio próprio. Assim, em 20 de novembro de 1860, foi sugerida em Ata a discussão de proposta para a compra de um terreno e a construção de um prédio próprio⁸⁵.

Ao longo de todo o ano de 1872 estabeleceram-se as negociações de terrenos, na então Rua da Lampadosa⁸⁶, números 28, 30, 32 e 34, cuja compra foi efetivada em dezembro do mesmo ano⁸⁷. Em 1873 o *Almanak Laemmert* noticiou que “[...] a actual directoria, comprou todo o vasto terreno da Rua da Lampadoza com os ns. 28, 30, 32 e 34 para nelle ser levantado o edifício da biblioteca.⁸⁸

A data escolhida para assentamento da pedra fundamental e início das obras do tão esperado prédio do GPL foi 10 de Junho de 1880, efeméride dos 300 anos da

⁸⁴ Análise em detalhes as questões políticas em torno da festa em: AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. O meu e o teu Camões: querelas na comemoração camoniana no Rio de Janeiro em 1880. In: O REAL em Revista: impressos luso-brasileiros oitocentistas. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015, p. 38-51.

⁸⁵ GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA (GPL). *Actas da Sessão da Diretoria*. 1847-1860. 20 jun. 1860.

⁸⁶ A rua passaria a ser chamar Luís de Camões a partir de 1880.

⁸⁷ GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA (GPL). *Actas da Sessão da Diretoria*, 1872, passim.

⁸⁸ ALMANAK administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro op. cit. , 1873, p. 447. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak/al1873/00000452.html>. Acesso em: 25 ago. 2015.

morte de Luís de Camões. Para isso organizaram com uma antecedência de cinco anos uma solenidade que aos poucos foi ganhando adesão de outras instituições no país. Nesse bojo a Biblioteca Nacional teve algumas participações importantes dentro da programação do GPL, como veremos adiante.

Acreditamos que a comemoração do Tricentenário de Morte de Luís de Camões quis reforçar que embora nossas culturas, naquele momento, pudessem se configurar uma colcha de retalhos, a língua portuguesa seria a linha que as deveria unir. E se Camões representava a consecução desse idioma, a festa era luso-brasileira e deveria se estender a todos os locais onde a língua portuguesa fosse falada.

Com essa comemoração, o Gabinete demonstrou que Camões “habitava em dois mundos”, como disse o escritor brasileiro Rosendo Moniz Barreto no seu poema⁸⁹, e que o poeta pertencia a todos que falavam a língua portuguesa.

A pedra fundamental do gabinete foi assentada com um caixa de cobre contendo o ato e uma edição especial d’*Os Lusíadas* feita pela instituição. Dentre uma série de simbologias que poderíamos dissecar aqui, gostaríamos de chamar atenção apenas para uma que estará muito presente em vários discursos desse período: a primazia do GPL como instituição portuguesa no Brasil. Ter o poema de Camões como base sobre a qual o prédio seria edificado ainda trouxe ao GPL uma responsabilidade que começou em 1837 e deveria seguir adiante, ou seja, a de guardião e propagador da literatura e da língua portuguesa fora de Portugal. Mesmo que nem toda a colônia portuguesa no Rio de Janeiro concordasse com isso.

Nessa celebração o GPL pôde assegurar uma representação importante para sua posição frente a Portugal e para sedimentar o seu papel como lugar de memória lusitana no Rio de Janeiro. Ele seria um lugar de memória tanto por seu acervo, essencialmente em língua portuguesa, e sobre temas afins à história lusa, como pelo assentamento da pedra fundamental de um prédio projetado para rememorar um passado histórico.

⁸⁹ MONIZ, Rosendo. Camões entre dous mundos. Boletim de “O Cruzeiro” (Acervo FBN). Em razão da dificuldade que tivemos de localizá-lo, vale algumas informações: era publicado no Rio de Janeiro e o redator principal foi Henrique Correia Moreira. O nº 160 de 1880 é uma homenagem a Camões.

A partir do dia marcado e ao longo do mês de junho, inúmeras atividades ocorreram na cidade. Três foram as comemorações mais emblemáticas: no próprio dia 10, com o espetáculo no *Imperial Theatro Dom Pedro II* (que se seguiu ao assentamento da pedra fundamental do atual prédio neomanuelino do GPL); mais cedo, a abertura de *Exposição Camoniana na Biblioteca Nacional*, e no dia seguinte, o *Festejo Marítimo na Enseada de Botafogo*. De toda sorte, a semana inteira ficou tomada por Camões, como relata a *Revista Illustrada*: “Esta semana não teve história própria: foi consagrada ao ócio e ao descanso, e pouco que viveu, viveu-o da vida festiva da outra, como verdadeira parasita que foi. Cada um achou-se cansado de tanta festa, e guardou o seu entusiasmo e a sua casaca, para ficar em casa a remoer o centenário de Camões [...]”

Na cidade do Rio de Janeiro, estava previsto que no dia várias instituições fechariam as portas, por exemplo, as Ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias e Quitanda pararam⁹⁰. A seção “Gazetilha” do *Jornal do Commercio* de 8 de junho informou que

Além da demonstração das duas “camadas” da representação nacional que não celebrão sessão, das associações particulares que auspendem [sic!] os seus trabalhos e dos commercio em geral que, a convites da Associação Commercial, se conserva fechado, a festa dominante de hoje é a organizada pelo Gabinete Portuguez de Leitura.

Embora já hontem publicássemos o programma official, não será ocioso recordar os traços principais desta festa, que promette ser grandiosa pela execução como o foi pela ideia.

Parece que a cerimônia do dia 10 de junho começou com atraso ou foi assaz longa, pois consta que “muitos moradores da Rua de Luiz de Camões e largo de S. Francisco de Paula tinham vistosamente adornado as ruas adjacentes ao logar de nossa festa, onde a noite se via uma brilhante iluminação e música.”⁹¹

Estavam presentes d. Pedro II e a d. Teresa Cristina Maria, funcionários do império, bem como sócios do GPL, representantes de associações e instituições, como a BN. O primeiro secretário do Gabinete proferiu um discurso. Lido e assinado o auto de assentamento, Eduardo de Lemos, presidente do GPL entregou

⁹⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1880; JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 11 e 12 de junho de 1880.

⁹¹ GPL. *Relatório...*, op.cit., 1881, p. 13.

uma medalha de ouro ao imperador⁹². A imperatriz coube entregar, a pedido dos diretores do GPL, aos representantes da *Imperial Sociedade Amante da Instrução e do Lyçêo de Artes e Officios*, a soma em dinheiro fruto da venda dos bilhetes do ensaio aberto do espetáculo musical que ocorreu no Imperial Theatro D. Pedro II⁹³.

Em seguida, por volta do meio dia, a comitiva imperial e da diretoria do GPL se dirigiu ao edifício da Biblioteca Nacional que na época funcionava na Rua do Passeio⁹⁴.

Tanto a *Gazeta de Notícias* quanto o *Jornal do Commercio* ao relatar esse dia conferem a ideia de que as atividades foram conjugadas.

Terminada a assignatura do auto, seguiu-se o transporte da pedra para o logar onde devia ser collocada, e a qual achava-se sobre uma padiola, que foi carregada por S. M. o Imperiador, Sr. ministro do Imperio, presidente da Ilma. Camara Municipal e o presidente do Gabinete Portuguez de Leitura. Seguiu-se a benção e assentamento da pedra, com a qual foram depositados os jornaes do dia e as moedas do paiz. [...]

Em seguida a solemnidade transportaram as pessoas presentes para a Bibliotheca Nacional, onde foram assistir a Exposição Camoëana.⁹⁵

Para os objetivos que nos propomos nessa pesquisa essa integração é um elemento importante, pois ajuda ilustrar as facetas das relações entre as instituições. Realmente, cremos que naquela segunda metade do século XIX o GPL e a BN eram as instituições de circulação de saber e cultura mais importante na corte do Rio de Janeiro.

Na próxima seção desse artigo trataremos a miúde da Exposição.

O dia seguiu agitado. Na sequência, às 20h teve início ao “Grande Festival Litterario e Artístico”, no *Imperial Theatro D. Pedro II*⁹⁶. Sobre esse evento, pouco se

⁹² JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1880, Gazetilha, p. 4. (Acervo FBN).

⁹³ Idem.

⁹⁴ A Biblioteca Nacional se instala na Rua do Passeio no ano de 1858, na administração de frei Camilo de Monserrate. Ver. HERKENHOLFF, Paulo. *Biblioteca Nacional: história de uma coleção*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

⁹⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, sexta-feira, 11 e sabado, 12 de junho, 1880, p. 3

⁹⁶ Inaugurado no dia 20 de junho de 1871 e por despacho de 3 de setembro passou a ter esse nome. Era localizado na Rua da Guarda Velha, 10, atualmente Rua Treze de Maio. A partir de 1890 passa a se chamar *Theatro Lyrico*. Cf. GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 5. ed., rev. ampl. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

noticiou nos jornais. O *Jornal do Commercio*, por exemplo, no dia 7 de junho apenas informou que às sete da noite haveria o quinto ensaio da orquestra.

A celebração no teatro foi dividida em três partes. Primeiramente foi executado o hino brasileiro e, a seguir, Joaquim Nabuco pronunciou um discurso⁹⁷, após o qual houve recitações de poesias consagradas a Camões. A segunda parte teve início com o hino português, seguido da encenação da peça “Tu só, tu, puro amor...”, escrita por Machado de Assis⁹⁸. Na terceira parte o maestro Arthur Napoleão regeu a orquestra que executou o “Hymno Triumphal”, de Carlos Gomes, a “Grande Marcha Eligiaca”, de Leopoldo Miguez e uma composição própria – seguindo essa sequência. Cabe dizer que todas as composições foram feitas especialmente para o evento, a pedido do GPL e cujos originais ainda não se localizaram.

A respeito dos presentes no teatro, o único a comentar foi o cronista da *Revista Ilustrada*:

Se o theatro Pedro II tivesse desabado na noite de 10 de junho, teria esmagado tudo quanto as letras, as artes, a politica... possuem actualmente em maior actividade. La estavam: a côrte, o senado, a imprensa, a camara, a magistratura... tudo emfim.⁹⁹

E ao que parece, pela descrição do cronista, os convidados de áreas representativas do Rio de Janeiro atenderam ao convite do GPL. Além do governo, estavam a academia e grupos formados por brasileiros em grande número.

No bojo dessas comemorações houve uma espécie de peregrinação com um busto de Camões mandado confeccionar pela GPL, das poucas instituições que sabemos que passou a BN está entre elas.

⁹⁷ NABUCO, Joaquim. Camões. *Discurso pronunciado a 10 de Junho de 1880 por parte do Gabinete Portuguez de Leitura*. Rio de Janeiro: Impresso por G. Leuzinger & Filhos, 1880. A BN possui uma edição fac-similar publicada em 1980. O original pode ser consultado no GPL.

⁹⁸ A respeito da peça, a descrição do cronista da *Revista Ilustrada*, de junho de 1880, é bastante interessante: “[...] é um episodio da vida do poeta: Camões apaixonou-se por Catharina de Atayde, é correpondido pela filha de D. Antonio, na corte murmura-se, enreda-se, e o pai nobre obtem do rei o desterro do cantor da bella dama. Na mais simples, entretanto... Entretanto nada mais graciosamente escripto, mais primorosamente facetado. De onde o successo então?”

⁹⁹ REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n. 212, 19 jun. 1880, p. 3. (Acervo FBN)

De acordo com a documentação que se acha na Divisão de Obras Raras da FBN as tipografias produziram em ritmo frenético uma grande quantidade de impressos.

O *Almanak da Gazeta de Notícias para 1881* classificou as publicações produzidas especialmente para a comemoração em três grupos:

Primeiro de textos, como a dos *Lusiadas*, feita em Lisboa pelo Gabinete do Rio, com prefácio de Ramalho Ortigão, revisão de Adolpho Coelho, retrato de Bordallo Pinheiro; a dos *Sonetos* feita no Porto pelo Gabinete de Pernambuco, prefaciada por Souza Pinto; a das *Poesias Lyricas*, feitas no Rio pela comissão brasileira do centenário, sob a direção de Teixeira Mendes e Teixeira de Souza.

A segunda ordem de publicações que se concentraram ao redor do centenário foram as homenagens da imprensa e da tribuna. Se nem todos os jornais deram número exclusivamente dedicado a Camões, como o fizeram, entre outros, a *Gazeta*, o *Jornal*, *Le Messenger du Brésil* e o *Diário do Maranhã*, todos destinaram um artigo pelo menos a comemorar o dia. Sentimos não conhecer os nomes de todos os oradores, os de que nos lembramos são Teixeira Mendes, Joaquim Nabuco e Basílio Machado.

A terceira ordem foram os estudos críticos, em muito menor número. Entre eles se contam, na crítica histórica ou literária, os livros de Affonso Celso Junior e Reinaldo Montóro; na crítica bibliográfica, um importante *Memoria de José de Castilho*, dada à luz pela *Bibliotheca Nacional*¹⁰⁰.

Ao que indica o catálogo da FBN a maioria dessa produção acha-se hoje no acervo da instituição. Na sessão seguinte trataremos da sua participação.

¹⁰⁰ ALMANAK da Gazeta de Notícias para 1881 contendo muitos artigos de interesse geral e uma parte literária e recreativa. Segundo anno. Rio de Janeiro, 1880, p. 151. (Acervo FBN).

4 A participação da Biblioteca Nacional

O que mais valor deu á participação da Bibliotheca Nacional na festa do centenário foi a Exposição Camoneana. Quem, dotado de sciencia e imaginação historica, visitou o estabelecimento durante a exposição, ha de ter sentido bem fortes vibrações, vendo em espaço estreito agrupadas tantas reminiscências e tantas idades. Aqui, as colchas que encobriam as paredes falavam da India, a mai da história e da civilisação. Alli, os vasos e jarros chineses não lembravam só o desterro injusto do poeta: lembravam um povo industrioso, compacto, civilizado, quando a Europa ainda era barbara, amalgama de grandezas e misérias que a sciencia ainda não pode explicar. Além, os quadros e retratos lembravam as personagens do poema; as divindades luminosas da Grecia; os passos sanguinolentos dos romanos; as luctas homéricas dos portuguezes. Mais longe, as edições varias e sucessivas dos *Lusiadas* traziam á mente as gerações sucessivas que foram haurir neste golfão de amor á pátria. A um canto, os cabellos louros de D. Inez pareciam ainda scintillar aos lábios apaixonados de D. Pedro¹⁰¹.

A citação que abrimos essa última parte traz-nos uma prévia do esplendor e organização conseguidos por Ramiz Galvão¹⁰² e seus funcionários para que a Exposição Camoneana se tornasse um sucesso.

Camões já havia figurado nas atividades da BN em 1876 quando no primeiro número dos *Anais*, João de Saldanha da Gama foi publicou *A Colecção Camoneana da Bibliotheca Nacional*. Nesse trabalho que seguiu até o volume três (1878), além de um estudo crítico foram compiladas publicações do poeta e sobre ele que constavam no acervo até aquela data e com notas sobre cada uma.

Na introdução ao Catálogo, Saldanha da Gama apresenta um Camões diferente daquele que Ramiz Galvão apresentará em 1880, ou seja, para o primeiro, ainda atinente a mentalidade do período, o poeta representa apenas Portugal. Já para o segundo, aliado aos discursos do GPL, o autor liga as culturas portuguesa e brasileira.

Camões é o seculo XVI. Camões é o nome que resume a gloria e a litteratura de uma nação inteira, ou, como dizem seus conterraneos, a affirmação mais completa da nacionalidade portugueza. Elle

¹⁰¹ ALMANAK da Gazeta de Notícias, op. cit., 1880, p. 151

¹⁰² Sobre a figura de Benjamim Franklin Ramiz Galvão recomendamos o artigo “A Biblioteca Nacional nos tempos de Ramiz Galvão (1870-1882)”, de Ana Paula Sampaio Caldeira, publicado no volume 130 dos *Anais da Bibliotheca Nacional*.

consubstancia todo este longo período em que dominou o fevor pelas antiguidades grega e romana; e d'esta altura da historia litteraria de sua patria, elle doira com o seu genio os seculos já idos, e aclara os horizontes dos seculos vindouros¹⁰³. p. 79

O jornal *O Apostolo* é a única fonte localizada que confirma que a ideia da organização da primeira exposição na Biblioteca Nacional foi de Ramiz Galvão¹⁰⁴. Ademais a BN, como declarara alguns anos depois, não quis “perder o ensejo de prestar publica homenagem de admiração ao principe dos poetas portuguezes e lembrou-se de concorrer com o seu contingente para abrilhantar a festa do grande epico, que escreveu na lingua que tambem é a nossa, fazendo uma Exposição Camoneana”¹⁰⁵.

As relações de Ramiz Galvão com o GPL começaram ainda no início dos anos de 1870 e se consolidam na década de 1890. Em 1895 foi convidado para realizar o trabalho de catalogação pelo sistema de Melvil Dewey¹⁰⁶ e quatro anos depois nomeado “Bibliotecário-Mor” do Gabinete Português de Leitura. Em 1905 ele ainda chegará a organizar um catálogo para exposição em homenagem ao 3º centenário da publicação de *D. Quixote de la Mancha*, realizada também pelo Gabinete e que contou com obras emprestadas pela BN.

Diretamente a BN atuou de três maneiras:

1. Exposição Camoenana;
2. Catálogo da Exposição Camoneana realizada pela Bibliotheca Nacional;
3. Memoria sobre o exemplar dos Lusíadas da bibliotheca particular de Sua Magestade o Imperador do Brazil pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

¹⁰³ ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL, 1883-1884, volume XI. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1880, p. 79. (Acervo FBN).

¹⁰⁴ O APOSTOLO, Rio de Janeiro, anno XV, numero 104, sexta-feira, 17 de setembro de 1880, p. 5. (Acervo FBN)

¹⁰⁵ ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL, 1883-1884, volume XI. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1885, p. 585.

¹⁰⁶ Melvil Dewey foi um bibliotecário norte-americano. Nasceu em 1851, falecendo com 80 anos em 1931. Concebeu um sistema de arquivamento por localização relativa ao seu assunto do livro. O trabalho de Ramiz Galvão começa em 1895 e conclui em 1899. Porém, só será publicado em 1906. Edson Nery da Fonseca, no livro “Ramiz Galvão: bibliotecário e bibliógrafo” (1963) chama atenção que Galvão usou de fato o método do Instituto Internacional de Bibliografia, de Bruxelas. Uma curiosidade: depois de mais de 10 anos de trabalho em 1920 os sócios do Gabinete pediram para voltar ao sistema antigo, pois não conseguiam localizar os livros. E assim foi feito.

Os procedimentos para realização da exposição começaram um mês antes. A *Gazeta de Notícias* de 10 de maio de 1880 publicou uma carta do bibliotecário e diretor da BN Ramiz Galvão

Do illustrado Sr. Dr. Benjamin Galvão, director da Bibliotheca Nacional, recebemos hontem a seguinte carta, para qual chamamos a atenção dos nossos leitores:

A Bibliotheca Nacional resolveu levar a effeito, no dia 10 de junho, uma exposição camoneana em honra ao tri-centenário do grande poeta. Para esse fim trará a publico todas as riquezas que possui n'este particular e quantas para completar a collecção nos offerecem os que prezam esta instituição e quizerem concorrer para o brilhantismo da festa litteraria.

Venho, pois, rogar a V. S. se digne de unir sua voz a minha para solicitar dos amadores, que por ventura possuem edições estimadas, retratos do poeta, estampas, quadros ou medalhas allusivas a sua vida ou as suas obras, o obséquio de concorrer com esse genero de thesouros a exposição da Bibliotheca Nacional. E empenho já só meu particular como admirador de Camões, mas patriótico porque vai nisso o credito da instituição, completar quando possivel as colleções da Bibliotheca para o dia 10 de junho; todavia seria conveniente que muito antes d'esse dia pudessemos saber ao certo o que ha de figurar na exposição, não só para a boa distribuição do capaçõ como para melhor ordem do catalogo que se tem de publicar. A illustrada imprensa da corte e várias associações litterarias prestarão no dia do centenário homenagens a memoria do poeta. A todos recorro neste momento, pedindo-lhes o seu benevolo concurso, e que, se por qualquer circumstancia não poderem remeter as suas producções com a desejada antecedencia, honrem-nos ao mesno desde já com uma nota circumstancia do que pretendem publicar. Encerrada a exposição será primeiro cuidado da Bibliotheca restituir em perfeito estado de integridade, quanto lhe houver sido confiado para a festa do centenario; não é, pois, de crer que resistam escrupulos de amadores ao convite que faço em nome das letras brasileiras para honrar o principe das épocas modernas. Vai ser esta a primeira festa do seu genoro no Brazil. Oxalá possamos com a collaboraçõ de todas as vontades fazel-a digna de seu heroe e da geraçõ que applaude o grande luminar da poesia e da lingua portugueza. Dr. Ramiz Galvão¹⁰⁷.

No dia 21 o mesmo mês o jornal de Niterói, *O Fluminense* comentou a iniciativa e informou que também haveria pintura a óleo e gravuras¹⁰⁸.

O tempo foi exíguo! Um mês para preparar tudo! Os *Anais da Biblioteca Nacional*, 1883-1884, volume XI, ao rememorar aqueles dias constataram que em

¹⁰⁷ GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, Sabado, 22 de maio de 1880, p. 1. (Acervo FBN).

¹⁰⁸ O FLUMINENSE, Niteroi, n. 316, sexta-feira, 21 de maio de 1880, p. 2. (Acervo FBN).

menos de um mês Ramiz Galvão conseguiu adesão dentro e fora da BN e realizou o planejado.

Após a solenidade no GPL, um pouco depois do meio dia, na presença de D. Pedro II, Ramiz Galvão fez um breve discurso destacando a importância de Camões para ambos os países. A partir das dezesseis horas as salas foram abertas ao público, que nos dias seguintes também puderam aceder à exposição, das nove 9 horas às dezesseis horas¹⁰⁹.

Na ocasião a diretoria do GPL entregou a Ramiz Galvão uma das trezentas medalhas comemorativas¹¹⁰. O *Jornal do Commercio* de 8 de junho informou que:

Por concessão do Sr. Director da Bibliotheca Nacional se procederá, na mesma occasião á distribuição das medalhas e exemplares especiais destinados a corporações e pessoas residentes no Rio de Janeiro a directoria do Gabinete convida a acharem-se presentes, e são.

O Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, n. 14; Reinaldo Carlos Montóro, n. 13; Henrique Pereira Leite Bastos, n. 15; Manoel Antonio Gonçalves Roque, n. 16; José Joaquim Ferreira Margarido, n. 17; Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, n. 20; Alipio Thomaz da Silva Barbosa, n. 27; Antonio Felisberto de Barros Jordão, n. 28; Antonio Ferreria da Silva, n. 29; Antonio Francisco Monteiro Junior, n. 30; Antonio Joaquim de Carvalho Lima, n. 31; Antonio Joaquim Xavier de Faria, n. 32; Arthur Napoleão dos Santos, n. 33; Emilio Paulo de Lima Barbosa, n. 34; Francisco José Fernandes, n. 35; Francisco de Souza Barros, n. 36; João Pereira da Silva Cunha, n. 37; João da Silva S. Miguel Junior, n. 33; José da Cunha Vasco, n. 39; José Ferreira Alegria, n. 40; José João Martins de Pinho, n. 41; José Joaquim Brandão dos Santos, n. 42; José Luiz Fernandes Villela, n. 43; Manoel Antonio da Costa Pereira, n. 44; Manoel Guilherme da Silveira, n. 45; Manoel José da Fonseca, n. 46; Manoel Pinheiro da Fonseca, n. 47; Manoel Pires de Sampaio Guimarães, n. 48; Manoel Rodrigues de Oliveira Real, n. 49; Paulino José Brochado, n. 50¹¹¹.

Além das medalhas, entregaram o exemplar da edição especial em papel China e encadernação de luxo d'Os *Lusíadas*¹¹² especialmente destinado à

¹⁰⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1880. (Acervo FBN).

¹¹⁰ Ainda para celebrar três séculos desde a morte de Camões, o GPL encomendou ao gravador francês, conhecido como Janvier, 300 medalhas, cunhadas em Paris, em bronze (297) e ouro (3)

¹¹¹ JORNAL DO COMMERCIO, Gazetilha, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1880, p. 2. (Acervo FBN).

¹¹² Impresso em Lisboa por Castro & Irmão, a edição especial de "Os Lusíadas" possui um prefácio intitulado "A Renascença e os Lusíadas", assinado por Ramalho Ortigão; seguido de "Observações sobre o texto dos Lusíadas", incluindo um glossário de autoria de Adolpho Coelho. Após o texto de Camões, no final do volume consta a "Notícia Histórica do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio", de responsabilidade de Reinaldo Carlos Montóro. Um escritor português reputou-a como 'opulenta

biblioteca. A fim de enriquecer a exposição emprestaram o exemplar em pergaminho da biblioteca do GPL; o exemplar de n. 21, em papel Whatman, destinado ao atual presidente do Gabinete; um exemplar, papel velino, dos quinhentos desta ordem e um exemplar dos quatro mil e quinhentos restantes.

Dividida em seis áreas a Exposição foi composta de: 93 edições de obras de Camões, dentre essas as que mais ganharam destaque foram os três exemplares de 1572, que pertenciam ao GPL, a BN e ao Imperador D. Pedro II. Houve ainda 86 traduções dessas obras nas mais variadas línguas; 153 obras sobre Camões em diversos idiomas; 148 trabalhos artísticos alusivos ao poeta e as suas obras; 6 manuscritos. Livros e manuscritos ocuparam “armários envidraçados”¹¹³.

A análise ao catálogo da exposição de 1880 mostrou que todas as obras arroladas como de propriedade da BN já constavam no catálogo de João de Saldanha da Gama, porém sem as mesmas notas. Ramiz Galvão optou por notas bastante sintéticas, respeito a intenção de uma publicação mais simples que a primeira. Elas contêm algumas informações sobre a raridade, e possível proveniência, além de dados curiosos sobre o exemplar.

As mesmas 489 obras que os jornais mencionaram estarem expostas constavam na publicação. Por ela foi possível verificar que 364 faziam parte do acervo, já 125 foram emprestadas por particulares e instituições situadas na cidade do Rio de Janeiro, dentre os quais se destacaram o GPL e o sr. Manuel de Mello. Alguns, notamos por pesquisa posterior, eram sócios do Gabinete Português de Leitura, como o já citado, Reinaldo Carlos Montoro, Antonio Joaquim Alvares e Francisco Ramos Paz.

edição’ e como um “perdurável monumento erguido pelo Gabinete á gloria das letras, a da sua pátria e a sua própria.” No total foram impressos 5.056 exemplares, sendo uma parte foi destinada a doações e outra para venda por subscrição. Do número destinado a doação, foram impressos exemplares em pergaminho, papel Japão, papel da China, papel whatman e em “papel superior”.

¹¹³ JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 11 e 12 de junho de 1880. (Acervo FBN).

Segue abaixo, respeitando a grafia da época, a lista de particulpares que emprestaram obras à BN, atendendo o pedido de Ramiz Galvão:

Abilio A. S. Marques	Condessa de Barral e de	Joaquim da S. Mello
Affonso Celso Junior	Pedra Branca	Guimarães
Anastácio Luiz do	Custidio Garcia	José Maria Medeiros
Bomsucesso	Dom Pedro II	Leopoldo Miguez
Angelo Agostini	Domingos José da Silva	Luiz Vicente de Simoni
Antonio Alves do Valle	Cunha	Machado de Assis
Antonio Caroso de c	F. M. Carneiro	Manoel Antunes Brito
Meneses	Francisco J. Fialho	Carneiro
Antonio Joaquim Alvares	Francisco José Correa	Manoel José Duarte
Antonio José Nunes	Quintella	Manuel de Mello
Garcia	Francisco Ramos Paz	Raphael Coelho
Antonio Pedro de	Francisco de Sá Noronha	Machado
Andrade	J. C. Bandeira de Mello	Reinaldo Carlos Montoro
Arthur Napoleão	J. da S. Mello Guimarães	
Baptista Caetano	J. F. Alves Carneiro	
d'Almeida Nogueira	João Maximiniano Mafra	

Cotejamos cada obras emprestada nos catálogos em ficha, nas bases internas e na remota e constatamos que a única que permaneceu no acervo foi Poesias offerecidas às senhoras brasileiras por um bahiano (Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca). Paris, chez Aillaud, 1825, 2 vols¹¹⁴. De propriedade da Condessa de Barral.

Talvez sensibilizados pelo movimento, em 11 de junho, um dia após a abertura da exposição outras ofertas foram feitas

para enriquecer a collecção já exposta forão hontem oferecidos: por S. M. o Imperador o antiquíssimo retrato a óleo, do condestável Nuno Alvares Pereira que hoje se exhibirá; pelo Sr. Dr. Cardoso de Menezes o seu autographo Camões e a Historia, a proposito dramático em um acto, que para comemorar o centenário se representou no Recreio Dramatico em noite de 10, e pelo Sr. Augusto da Costa uma edição dos Luziadas de Pernambuco, de 1843 (extremamente rara); um exemplar de rimas de Camões, comentadas por Faria e Souza, com a nota autografa de haver pertencido a lord Strangford; e finalmente o volume de poesias de Camões, traduzidas para inglez por esse mesmo lord, edição de Londres, 1803, com dous manuscriptos curiosos: o de Strangford

¹¹⁴ Essa publicação acha-se no acervo da Divisão de Obras Raras, sob o cota: 081, 02, 28-29; microfilme: OR00077.

oferecendo o seu livro ao bispo de Dromore, e a resposta deste ao elegante tradutor de Camões¹¹⁵.

E ainda O *Relatório do Ministério do Império* informou que “além destas ofertas, assignalaram-se a do busto do poeta, trabalho do artista nacional Almeida Reis, feita por uma comissão brasileira”¹¹⁶.

As salas ocupadas pela exposição receberam decoração que remetia a algumas passagens d’Os *Lusíadas*. Na fachada do edifício foi colocada uma tabuleta alusiva a exposição e era iluminada a gás durante a noite.

Assim o *Jornal do Commercio* descreveu a decoração da Biblioteca Nacional:

Na entrada que dá acesso á sala da exposição, via-se um grande busto de Camões, propriedade de Sua Magestade, sobre uma coluna entre dous vasos de flores e folhagem. Servia-lhe de fundo uma vistosa e riquíssima colcha amarela de damasco da India bordado á prata, sobreposta a outra de seda vermelha, tendo dous escudos com os nomes: Dante e Petrarcha, mais acima outros dous: Klopstock e Ariosto e nas paredes da sala de honra: Homero, Virgilio, Tasso e Milton.

Sobre a porta que dá entrada para a principal sala da exposição, lia-se o seguinte dístico: QUI VATUM PRINCEPES NORMA DEUSQUE FUIT¹¹⁷

D. Pedro II manifestou grande interesse e o envolvimento de com a exposição. Ele emprestou a edição de 1572 e os quadros “Camões e o Jau na igreja de Sant’Anna ouvindo um sermão”, óleo de L. Moreaux; “O desembarque dos portuguezes em Moçambique”, óleo de F. Vieira Portuense e “Ignez de Castro e seus filhos implorando a clemência de d. Affonso, o IV”, óleo de Francisco Vieira Portuense¹¹⁸.

O imperador esteve por três momentos na Biblioteca Nacional. Mesmo tendo acabado de chegar de uma longa viagem ao sul do país¹¹⁹, fez uma visita surpresa

¹¹⁵ JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 11 e 12 de junho de 1880, p. 1.

¹¹⁶ BRASIL. Ministerio do Imperio. Ministro (Manoel Pinto de Souza Dantas) Relatório do Anno de 1881 apresentado a assemblea geral legislativa na 1ª sessão da 18ª legislatura (Publicado em 1888). Acervo FBN.

¹¹⁷ JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 11 e 12 de junho de 1880, p. 2

¹¹⁸ BIBLIOTECA NACIONAL. Catálogo da Exposição Camoneana [...]. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1880.

¹¹⁹ JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 6 de junho de 1880.

no dia 9, mas não se demorou, assim como no dia 10. No dia 11, acompanhado dos netos, despendeu mais tempo a analisar as obras nas vitrines, mas um item, de acordo com *Gazeta de Notícias*, lhe chamou mais a atenção. Tratou-se do manuscrito do drama *Tu só, tu puro amor* composto por Machado de Assis especialmente para os festejos do Tricentenário e que subiu ao palco do *Imperial Theatro D. Pedro II* na noite anterior. Da peça o autor produziu duas cópias manuscritas, uma doada ao GPL e outra a BN¹²⁰.

As telas emprestadas por d. Pedro II complementavam a ambientação, bem como “outras duas telas a óleo, representando, uma os galeões de Vasco da Gama montando o Cabo da Boa-Esperança, da palheta de Luiz Assencio Thomazini, e outra Bacehe implorando o socorro de Neptuno contra o grande Vasco da Gama, do pincel de Julio Le Chevrel, propriedade particular”¹²¹

Já no primeiro dia a Exposição logrou êxito e muito sucesso, “a affluencia de pessoas gradas, que para alli concorreram para o mesmo fim, foi extraordinaria; continuou hontem e continuará hoje naturalmente”. Tão grande foi a verberação na corte do Rio de Janeiro que Ramiz Galvão recebera autorização para estender a exhibição por mais alguns dias.

Annuindo á justas reclamações do publico, o Sr. Ministro do imperio [Manoel Pinto de Souza Dantas] auctorisou o bibliothecario da Bibliotheca Nacional a conservar aberta a exposição nos dias 14, 15 e 16 do corrente. Poderá, pois, o publico por mais algum tempo gozar da festa litteraria, que tem sido n'estes ultimos dias um dos mais fortes attractivos da parte intelligente de nossa população. Ainda hontem foi extraordinario o concurso do povo pelas ruas illuminadas. O quarteirão da rua do Ouvidor entre as ruas de Gonçalves Dias e dos Ourives estava brilhantissimo¹²².

¹²⁰ GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. *Relatório da Directoria* [...]: 1895-1898. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & C., 1899. p. 17-18. A cópia doada para BN está no acervo da Divisão de Manuscritos sob a localização: 23,1,27.

¹²¹ JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 11 e 12 de junho de 1880, p. 1.

¹²² GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 13 de Junho, 1880, p. 2.

O governo imperial louvou Ramiz Galvão pela iniciativa e agilidade¹²³. Em carta datada de 30 de Julho de 1880 o próprio bibliotecário agradeceu aos funcionários:

Por aviso do Ministerio do Imperio de 30 de Junho p.p. auctorizou-me o Governo Imperial a louvar os empregados d'esta Bibliotheca Nacional pelos bons serviços q prestaram na organização da Exposição Camoneana. Cumpro este dever com intima satisfação, e aos louvores do Governo allio os meus agradecimentos pessoaes e felicito aos dignos e ilustrados companheiros de trabalho, que tenho me auxiliaram a sustentar naqueles dias os cretidos da nossa bela Bibliotheca. Infelizmente ainda há quem ignore no nosso paiz que esse estabelecimento bem merece da pátria pelo esforço com que toma a peito cumprir a sua missão civilizatória, erguendo-se da triste obscuridade em que a deixaram longos annos. É para espancar de uma vez esta ignorância que cada dia se vae tornando mais indispensável a convergência de todos as nossas actividades em prol da sancta causa que tomamos sobre hombros desde 1876; a Exposição Camoneana veio demonstrar que este acordo unísono não falta a Bibliotheca, cumpre que o futuro não faça sim confirmar esta ideia, e repetir sem quebra a realização desde factio auspicioso. O muito esforço e o trabalho feito com entusiasmo acabarão por dar-nos a victoria, e antevendo este resultado, que em, louvando, agradeço e felicito a um tempo os illustres cooperadores do engrandecimento da Bibliotheca Nacional. Bibliotheca Nacional, 30 Julho de 1880¹²⁴.

Nota-se nesta carta nuances de tom de propositosteo, queixa-se de vibilidade de BN frente a sociedade brasileira (não tão distante do que se passa nos dias atuais). Como lugar comum em discursos desse período exorta o papel civilizatório das bibliotecas.

A festa da Bibliotheca não desmentiu os intuitos com que fora projectada e correspondeu dignamente a grandeza do assumpto; assim os applausos que alcançou de doutos e indoutos, nacionaes e estrangeiros, foram unanimes. [...] A exposição Camoneana suscitou a ideia de uma exposição de historia do Brazil. Quinze dias depois do encerramento d'aquella o incansavel Snr. Dr. Ramiz Galvão, tendo já organizado a chave da classificação da projeta exposição, metteu mãos a obra e no dia 2 de Dezembro de 1881 logrou inaugural-a¹²⁵.

¹²³ O FLUMINENSE, Niterói, n. 335, domingo, 4 de Julho de 1880, p. 2.

¹²⁴ Divisão de Manuscritos da BN: 48, 1, 003, n. 074_ Manuscrito.

¹²⁵ ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL,, 1883-1884, volume XI. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1885, p. 584-585. Ver também: ALMANAK DA GAZETA DE NOTÍCIAS para 1881 contendo muitos artigos de interesse geral e uma parte litteraria e recreativa. Segundo anno. Rio de Janeiro, 1880, p. 149

O jornal *O Apóstolo* também comentará a exposição e as idéias futuras de Galvão:

Temos a vista a circular que nos enviou o illustrado director da Bibliotheca Nacional, que é mais um documento do modo serio e proveitoso com que exerce o seu importante encargo.

Projecta o illustrado director uma exposição de História do Brazil, no intuito de reunir todos os documentos que, sobre a nossa historia patria, correm impressos, quer sejam puramente litterarios, quer artisticos, em uma palavra, de modo a guiarem no estudo, na apreciação e na descripção das grandezas naturaes, industriaes e agricolas, aquelles que se propuzerem a escrever a nossa historia.

Effectivamente é um extraordinario serviço, se for realisado, o que quer iniciar, de acordo com o governo, o digno e illustrado Sr. Dr. Franklim, cujo amor as letras e as sciencias tem sido revelado desde os bancos escolares, distinguindo-se sempre com promptidão e intelligencia.

O estado actual da nossa Bibliotheca deve-lhe todo aperfeiçoamento que tem e que tão util é aquelles que a procuram para consulta de obras e para cultivo da intelligencia.

A exposição camoneana, que tanto agradou poz patente as edições do poema do grande poeta portuguez, foi iniciativa sua, e é um trabalho que poz em relevo sua actividade intelectual¹²⁶.

Sem dúvida, a menos de 4 anos a frente da Biblioteca Nacional, esse feito de Ramiz Galvão foi louvado por muitos. Ele promoveu a BN e a si próprio como homem das letras. O bem efeito da consecução do planejado levou a iniciar os trabalhos para a exposição mais importante realizada pela instituição no século XIX, qual seja, a Exposição de História do Brasil que viria ser inaugurada em 2 de dezembro de 1881, dia e mês do nascimento do imperador.

¹²⁶ O APOSTOLO, Rio de Janeiro, anno XV, numero 104, 17 de setembro de 1880, p. 5.

Considerações finais

Esse artigo buscou deslindar os caminhos que levaram a realização da “Exposição Camoneana realizada pela Bibliotheca Nacional” de 10 a 16 de junho de 1880 no bojo das comemorações do Tricentenário da Morte de Luís de Camões, festa organizada pelo Gabinete Português de Leitura. Nesse contexto foi possível perceber mais nuances da personalidade de gestor de Ramiz Galvão e conhecer maiores detalhes da participação da BN no evento. Notou-se que ambas as instituições estavam integradas e buscaram essa afinidade a fim de trazer a comemoração uma homenagem ao poeta um pouco mais vistosa.

Todavia, essa pesquisa deixa-nos com outra dúvida. No decorrer do artigo comentamos que para o GPL a ocasião serviu como uma maneira dar a instituição o aspecto brasileiro, pois até então era percebida apenas como um espaço luso. Mas e a Biblioteca Nacional? Naquele contexto de afirmação identitária, como ela era reconhecida? Inferimos que a mudança de “*Bibliotheca Imperial e Pública da Corte*” para “Bibliotheca Nacional” não tenha trazido muitas mudanças nesse âmbito. Será que ela teve fases de biblioteca lusa, depois luso-brasileira e depois brasileira?

Na atualidade a prática de exposições em bibliotecas é uma ação muito estimulada, porém pouco discutida no âmbito da Biblioteconomia. Ela contempla uma atividade de difusão, divulgação e acesso, dentre outras.

A publicação *Exhibiting the written word*¹²⁷ comenta de forma bastante clara essas características da exposição a partir do acervo de uma biblioteca dentro do seu próprio espaço. Complementa com a demanda didática e como ela pode colaborar para um envolvimento de determinada comunidade com a biblioteca.

A crer pelo que está relatado nos jornais da época Ramiz Galvão conseguiu um grande envolvimento das personalidades e instituições da corte do Rio de Janeiro que cederam à BN itens valiosos que completariam a exposição. Podemos

¹²⁷ NATIONAL Library of Scotland; THE UNIVERSITY of Edinburg. *Exhibiting the written word*. Edinburg, 2011.

considerar que ele se preocupou com o que se chama de museografia¹²⁸, pois a partir do tema “Camões” articulou peças de pinacoteca aos livros e aos manuscritos, além de criar uma ambientação que levou o público a uma imersão no universo camoniano.

Essa foi a primeira exposição organizada pela Fundação Biblioteca Nacional¹²⁹. Notamos que serviu de modelo para outras que se seguiram, sobretudo na forma de empréstimos de itens de particulares e outras instituições e normalmente com produção de catálogos.

O catálogo da exposição camoniana é um suporte de memória da efeméride¹³⁰ fundamental como apresentação da sociabilidade da época.

A mobilização que o Gabinete Português de Leitura conseguiu em solo nacional foi sem precedente. Ainda mais dentro da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo porque conseguiu sensibilizar diversos estratos sociais. Como foi dito no início, desde os imperadores até os comerciantes mais simples estiveram empenhados e envolvidos com o desejo uníssono de celebrar e homenagear Camões – não obstante as querelas nacionalistas.

A participação da BN nos festejos do Tricentenário de Camões reforçou o prestígio que a instituição já gozava na corte, não obstante ainda carecer de uma sistemática de administração biblioteconômica. E também contribuiu sobremaneira para o GPL no seu intuito de tornar a festa luso-brasileira.

¹²⁸DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

¹²⁹Recomendo a consulta a “Catálogos das Exposições de 1880 a 2010”. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/projetos/200anos/exposicoes.html>. Acesso em: 22 de julho de 2015.

¹³⁰Compreendo um catálogo como esse suporte a partir das considerações Gerard Namer. Ver: NAMER, Gérard. *Memoire et société*. Paris: Méridien, 1987. (Collection Sociétés).